

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA



*ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO EM GÊNEROS DISSERTATIVO-
ARGUMENTATIVOS ESTILO ENEM*

Campina Grande, abril de 2017

DIEGO LEITE SEVERO

*ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO EM GÊNEROS DISSERTATIVO-
ARGUMENTATIVOS ESTILO ENEM À LUZ DE TEORIAS
ARGUMENTATIVAS*



Trabalho apresentado como requisito final para obtenção do título de especialista em Ensino de Língua Portuguesa para a educação básica, pela Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da Professora Doutora Laura Dourado Loula Régis.

Campina Grande, abril de 2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S498a Severo, Diego Leite.
Análise da argumentação em gêneros dissertativo-argumentativos estilo ENEM à luz de teorias argumentativas / Diego Leite Severo. – Campina Grande, 2017.
85 f. : il. color.

Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Laura Dourado Loula Régis".
Referências.

1. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). 2. Dissertação Argumentativa - ENEM. 3. Retórica - ENEM. 4. Tipos de Argumentos – ENEM. 5 Estratégias Argumentativas – ENEM. I. Régis, Laura Dourado Loula. II. Título.

CDU 82'42(043)

DIEGO LEITE SEVERO

*ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO EM GÊNEROS DISSERTATIVO-
ARGUMENTATIVOS ESTILO ENEM*

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino da Língua Portuguesa para a Educação Básica (CEELP), da Universidade Federal de Campina Grande-PB, como requisito para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Laura Dourado Loula Régis

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Laura Dourado Loula Régis

Orientadora



Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas

Examinador

Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Bezerra

Examinadora

DEDICATÓRIA

Enfim, escrevo a parte mais importante deste trabalho; o momento em que serão dados os devidos créditos a quem, de fato, os teve.

Dedico este trabalho, minha saúde, meus empregos e toda minha vida ao Criador e Proporcionador disso tudo que está acontecendo: o Espírito Santo. Sem vossas bênçãos e vosso consentimento, jamais eu teria chegado a esse simples posto em que me encontro.

No âmbito familiar, jamais poderiam faltar as imensas contribuições dos meus pais, Magna Coeli e Francisco Severo, que, em suas lutas árduas diárias, nunca deixaram faltar a mim e a meu estimado irmão, Lucas Severo, o que sempre lhes faltou: formação. É por esse esforço que estou aqui.

No âmbito amoroso, todos os créditos e saudações possíveis a minha companheira de vida matrimonial, minha belíssima esposa Rafaella Silva: mulher forte, obstinada e determinada, cujas ações de cuidado e carinho para comigo foram nevrálgicas para a minha caminhada até este momento, e, sem dúvidas, o serão por todo sempre.

No círculo profissional, preciso render graças a todos os meus mais de 400 alunos que me acompanharam durante a execução desta pesquisa e dão sentido a todas as manhãs, tardes e noites que trabalho, cansável ou incansavelmente, para conseguir, diante de tantas atrações da vida pós-moderna, ter ao menos vontade de assistir a aulas. Sem esquecer de nenhum dos ambientes em que trabalho, quero dedicar esta monografia a todos os estabelecimentos de ensino de Campina Grande/PB em que ensino: à Escola Virgem de Lourdes (EVL – Lourdinias), onde leciono Produção Textual, na 3ª série do EM; ao Colégio Imaculada Conceição (CIC – DAMAS), minha escola formadora, onde estudei três anos de minha vida e onde, hoje, leciono Literatura Brasileira, nas 2ªs e 3ªs séries do EM; ao AcMed (Assessoria em Vestibulares e ENEM), onde leciono Língua Portuguesa voltada ao ENEM a alunos pré-universitários, ambiente que inspira sossego e aprendizado; ao Colégio Panorama, onde ensino Interpretação Textual nas 3ªs séries do EM, escola cujos alunos me recebem como quem recebem um familiar; e, por fim, ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) *campus* Campina Grande, onde trabalho como Professor Substituto do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, que acolheu a mim e a minha pesquisa, de braços abertos, sobretudo aos meus amados alunos do 3º B Integrado em Mineração, partícipes diretos desta pesquisa,

e a toda equipe pedagógica envolvida na burocracia desta monografia: à (minha) Professora Rosa Lúcia Souza, minha ex/eterna professora do Ensino Médio e atual coordenadora de Área; à profesora Iana Daya Passos, mulher de serenidade e tranquilidade incomparáveis; e ao Professor Wandemberg Bismarck, diretor de ensino desse *campus*, que, também, foi extremamente solícito a tudo aquilo que lhe foi pedido.

O último parágrafo eu destino a quem confiou, diretamente, em mim: minha indescritível orientadora Professora Laura Dourado, que, como o próprio nome expressa, dourou esta simples e ignota pesquisa com toda sua inteligência, serenidade e charme que lhes são peculiares. A todos os resultados vindouros desta pesquisa, professora, dedico à senhora. Muitíssimamente obrigado!

Diego Leite Severo

RESUMO

Desde que foi criado, em 1998, até 2009, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) não adquiriu a visibilidade e a importância que teve a partir de 2010, quando se tornou a única forma de ingresso em diversas universidades públicas e institutos federais. Ao assumir novo *status* no contexto da educação nacional, com destaque para as exigências relacionadas ao eixo da produção de texto, esse exame passou a solicitar a produção de um gênero dissertativo-argumentativo com características próprias do exame, tendo como base cinco competências, dentre elas, a competência III - selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista – objeto de estudo deste trabalho de pesquisa. Nesse contexto, este trabalho monográfico tem o objetivo geral analisar como alunos da 3ª série do EM argumentam em dissertações argumentativas nos moldes do ENEM; e, como objetivos específicos, pretendemos *a)* identificar a(s) estratégia(s) argumentativa(s); *b)* descrever os tipos de argumentos utilizados na constituição da argumentação; e *c)* verificar a força dos argumentos utilizados. O contexto de obtenção dos dados é o de redações de alunos¹ da 3ª série do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *campus* Campina Grande. Tais redações foram coletadas no mês de novembro de 2016, no contexto de produção de uma avaliação da aprendizagem, no segundo bimestre do referido ano. Envolve um *corpus* de 12 (doze) produções textuais do gênero dissertativo-argumentativo, denominadas de *R1 a R12*, com o tema *Racismo no Brasil: problemas e perspectivas*. As categorias de análise para cada redação foram: *a)* identificamos a tese bem como a estratégia argumentativa utilizada; *b)* recortamos a parte do desenvolvimento, que corresponde, normalmente, aos parágrafos mediais, na argumentação e identificamos qual(is) o(s) argumento(s) que foi(ram) utilizado(s) nessa parte do texto, de acordo com a categorização resenhada no tópico 2.1.3 deste trabalho; e *c)* atribuímos a força do(s) argumento(s) utilizado(s) à luz da escala argumentativa por nós criada, conforme modelo descrito no tópico 2.1.4. O referencial teórico utilizado para análise dos dados advém da teoria da retórica argumentativa clássica de base aristotélica e, além do próprio (ARISTÓTELES, 2005), alguns dos seus maiores divulgadores, como Fiorin (2016) e Garcia (1981). Também utilizamos as contribuições da teoria da argumentação na língua, proposta por Ducrot, aqui

¹ Os termos de consentimento constam nos anexos.

representado por Cabral (2011). Quanto à concepção de gênero textual, recuperamos os postulados do grupo de estudos de Genebra, mais especificamente do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), com Bronckart (1999), Coutinho (2003) e Miranda (2010). Além da noção de competência de Philippe Perrenoud (2000). Como resultados da pesquisa, verificamos que os argumentos *fato* e *ad consequentiam*, utilizados pela relação de *concessão* foram os mais utilizados pelas redações, afinal, está-se tratando de um tema social de cunho histórico, por isso, a presença assídua do fato, principalmente histórico, na constituição da argumentação.

Palavras-chave: ENEM. Dissertação argumentativa. Retórica. Tipos de Argumentos. Estratégias Argumentativas. Argumentação.

ABSTRACT

Since its creation in 1998, until 2009, the National High School Examination (ENEM) did not acquire the visibility and importance it had from 2010, when it became the only way to join several public universities and federal institutes. When taking on new status in the context of national education, with emphasis on the requirements related to the axis of text production, this exam began to request the production of a argumentative essay-like genre with characteristics of the exam, based on five competences, among They, competence III - to select, relate, organize and interpret information, facts, opinions and arguments in defense of a point of view - object of study of this research work. In this context, this monographic work has the general objective to analyze how 3rd grade students of High School argue in argumentative dissertations along the lines of ENEM; And, as specific objectives, we intend a) to identify the argumentative strategies; B) describe the types of arguments used in the argumentation; And c) verify the strength of the arguments used. The context for obtaining the data is the writing of students from the 3rd grade of the High School of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba (IFPB) Campina Grande *campus*. These essays were collected in the month of November 2016, in the context of producing a learning assessment, in the second two months of that year. It involves a corpus of twelve (12) textual productions of the essay-argumentative genre, denominated R1 to R12, with the theme Racism in Brazil: problems and perspectives. The categories of analysis for each essay were: a) we identified the thesis as well as the argumentative strategy used; B) we cut out the part of the development, which normally corresponds to the mediation paragraphs, in the argument and we identify which argument (s) were used in this part of the text, according to The categorization reviewed in topic 2.1.3 of this work; And c) we attribute the strength of the argument (s) used in light of the argumentative scale created by us, according to the model described in topic 2.1.4. The theoretical reference used to analyze the data comes from Aristotle's classical argumentative rhetoric theory and, in addition to him (ARISTÓTELES, 2005), some of his greatest disseminators, such as Fiorin (2016) and Garcia (1981). We also use the contributions of the theory of argumentation in the language, proposed by Ducrot, here represented by Cabral (2011). Regarding the conception of textual genre, we retrieved the postulates of the Geneva study group, more specifically Sociodiscursive Interactionism (SDI), with Bronckart (1999), Coutinho (2003) and Miranda (2010). In addition to the notion of competence of Philippe Perrenoud (2000). As results of the research, we verified that the arguments fact and ad consequentiam, used by the concession relationship were the most used by the essays, after all, it is dealing with a social theme of historical nature, therefore, the assiduous presence of the fact, mainly Historical, in the constitution of the argument.

Keywords: ENEM. Argumentative Dissertation. Rhetoric. Types of Arguments. Argumentative Strategies. Argumentation.

SUMÁRIO

1.	Introdução	1
2.	Aparato Teórico	3
2.1	Percurso teórico sobre as teorias da argumentação e a teoria de análise.....	3
2.1.1	Retórica Clássica e Nova Retórica.....	3
2.1.2	A argumentação em Ducrot e Anscombre.....	11
2.1.3	A categorização dos argumentos.....	11
2.1.4	Escala de força argumentativa.....	21
2.2	A noção de texto e de gênero textual.....	23
2.2.1	Sequências e formas de planificações textuais e o gênero dissertativo argumentativo solicitado pelo ENEM	28
2.3	A noção cognitiva de competência e a Matriz de Referência do ENEM 2013.....	30
2.3.1	A competência III e os movimentos textuais exigidos para sua realização.....	35
3.	Procedimentos Metodológicos	36
3.1	Natureza e tipo de pesquisa.....	36
3.2	O contexto de intervenção e os sujeitos da pesquisa.....	36
3.3	Metodologia e geração de dados.....	36
3.4	Instrumentos e técnicas de geração de dados.....	37
4.	Análise de redações à luz de teorias argumentativas.....	38
4.1	Redação 01 (R1).....	39
4.2	Redação 02 (R2).....	41
4.3	Redação 03 (R3).....	43
4.4	Redação 04 (R4).....	46
4.5	Redação 05 (R5).....	47
4.6	Redação 06 (R6).....	49
4.7	Redação 07 (R7).....	50
4.8	Redação 08 (R8).....	52
4.9	Redação 09 (R9).....	54

4.10 Redação 10	
(R10).....	56
4.11 Redação 11	
(R11).....	58
4.12 Redação 12	
(R12).....	60
4.13 Gráficos de recorrência de estratégias argumentativas/ tipos de argumentos e níveis argumentativos.....	62
4.13.1 Gráfico de recorrência de estratégias argumentativas/ tipos de argumentos (Gráfico 1).....	62
4.13.2 Gráfico de níveis argumentativos (Gráfico 2).....	64
5. Considerações Finais	65
6. Referências	67
7. Anexos	69
7.1 Redações do <i>corpus</i> digitalizadas.....	70
7.2 Proposta de redação.....	82
7.3 Termo de anuência do IFPB <i>campus</i> Campina Grande/PB.....	85

1 INTRODUÇÃO

Desde que foi criado, em 1998, até 2009, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) não adquiriu a visibilidade e a importância que teve a partir de 2010, quando se tornou a única forma de ingresso em diversas universidades públicas e institutos federais, assumindo novo *status* no contexto da educação nacional, com destaque para as exigências relacionadas ao eixo da produção de texto.

Nesse contexto, a orientação para a produção de textos do ENEM, em seus enunciados, indica que o aluno produza um texto dissertativo – argumentativo, com vistas a atender 5 (cinco) habilidades, dentre elas, a III: “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”². Trata-se de uma habilidade comumente solicitada nos exames vestibulares, presumida pelas universidades e que representa, juntamente com a conclusão - competência V (SEVERO, 2014) - uma das dificuldades manifestadas pelos alunos nesse quadro de exigência, o que tem gerado a necessidade de se refletir, no âmbito da prática docente, sobre as lacunas evidenciadas pelos alunos e sobre possíveis alternativas para o tratamento do problema em questão.

A argumentação é o momento em que o escritor irá defender/ sustentar a sua tese sobre o tema abordado, por meio de argumentos convincentes e que se relacionem a outras áreas do conhecimento (Matriz de Referência do ENEM – 2013, p. 14). Dessa incumbência, surge a pergunta de pesquisa norteadora deste trabalho: *Como alunos do 3º ano do EM argumentam em dissertações argumentativas nos moldes do ENEM?*

Quanto aos objetivos deste trabalho, de modo geral, pretendemos analisar como alunos da 3ª série do EM argumentam em dissertações argumentativas nos moldes do ENEM; e, como objetivos específicos, pretendemos *a)* identificar a(s) estratégia(s) argumentativa(s); *b)* descrever os tipos de argumentos utilizados na constituição da argumentação; e *c)* verificar a força dos argumentos.

Por fim, a relevância deste estudo pode ser considerada: *stricto sensu*, na contribuição com a atuação profissional do professor de Redação/ Produção de Textos para auxiliá-lo no trabalho com esse gênero atualmente muito difundido no Brasil, uma vez que é a produção solicitada pelo maior exame vestibular do país; e, *lato sensu*, no auxílio da ampliação do uso da argumentação, para que não se restrinja minimamente ao ENEM, mas que seja usada, sobretudo, no exercício dos direitos e deveres na democracia,

² Cf. A redação no ENEM 2013: Guia do participante

como os *direitos civis* (segurança e locomoção); os *direitos sociais* (trabalho, salário justo, saúde, segurança e habitação); *direitos políticos* (liberdade de expressão, de voto, de participação política e sindical) (GADOTTI, 2009), pois a língua é um instrumento de poder por meio do qual não só dizemos, mas também fazemos (BRITTO, 2007; CABRAL, 2011; GNERRE, 1998). Com isso, tendo condições de argumentar com excelência e conscientemente, o cidadão-aluno pode ter mais sucesso em sua vida pessoal e não somente no ingresso em uma universidade pública ou privada no país.

Como aporte teórico, este trabalho monográfico conta com a teoria da retórica argumentativa clássica de base aristotélica e, além do próprio Aristóteles (2005), alguns dos seus divulgadores, como Fiorin (2016) e Garcia (1981). Ainda sobre argumentação, também utilizamos as contribuições da teoria da argumentação na língua, proposta por Oswald Ducrot, aqui representado por Cabral (2011). Quanto à concepção de gênero textual, recuperamos os postulados do grupo de estudos de Genebra, mais especificamente do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), com o próprio Bronckart (1999), e, ainda mais, com duas grandes estudiosas portuguesas dessa vertente dos estudos de gênero: Coutinho (2003) e Miranda (2010). Como tratamos de algo relacionado ao ENEM, esclarecemos que essa prova é baseada em competências e habilidades, nesse sentido, adotamos a concepção de competência de Philippe Perrenoud (2000).

Esta monografia está organizada da seguinte maneira, além desta Introdução: no Capítulo 2, *Aparato Teórico*, apresentamos a discussão acerca das teorias da argumentação – retórica clássica, nova retórica e teoria da argumentação na língua –, seguida da definição de texto e gênero textual e, por fim, da discussão em torno da noção cognitiva de competência e sua aplicação na Matriz de Referência do ENEM; no Capítulo 3, inicialmente descrevemos os *Procedimentos Metodológicos* e, na sequência, procedemos à *Análise das Redações à luz de teorias argumentativas*, em que são analisadas 12 (doze) redações do gênero dissertativo-argumentativo com vistas a descobrir como foi produzida a argumentação dessas produções. Nas *Considerações Finais*, Capítulo 4, aferimos se os objetivos propostos foram atingidos, traçamos um panorama das redações, mostrando, de modo geral, a arquitetura argumentativa das redações, bem como oferecemos algumas conclusões a partir do trabalho realizado.

2 APARATO TEÓRICO

Neste capítulo, discorreremos, inicialmente, sobre a retórica clássica de base aristotélica, difundida e resenhada por Fiorin (2016). Em seguida, abordamos a concepção de gênero adotada para a análise do nosso *corpus*, que são redações do 3º gênero dissertativo-argumentativo nos moldes do ENEM.

Por fim, no último tópico, pelo fato de que a prova de redação do ENEM é constituída de competências e habilidades, discorreremos sobre esses conceitos, para estabelecermos uma relação teoria x prática dessas concepções e sua aplicabilidade no documento maior desse exame para a produção, que é a Matriz de Referência para Redação.

2.1 Percorso teórico sobre as teorias da argumentação

2.1.1 Retórica Clássica e Nova Retórica

Inicialmente, cabe reunir alguns conceitos concernentes ao que seja argumentar e ao que seja retórica. Cabral (2011), embora seja divulgadora, em sua obra, das ideias de Ducrot de cuja teoria, rapidamente, trataremos mais à frente, afirma que, com a língua e na língua, não só dizemos mas também fazemos, “por isso, não podemos esquecer de que a comunicação, ou a interação, envolve mais que simplesmente informação, envolve sobretudo uma forma de ação sobre o outro” (p. 10).

Garcia (1981), na tentativa de distinguir dissertação de argumentação, constata que, na argumentação, além de “externar nossa opinião sobre o que é ou parece ser” (p. 370), procuramos *formar a opinião* do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade. Nesse sentido, ao analisar o que é argumentação, o autor conclui que bate boca, ironia, doesto e sarcasmo, por mais brilhantes que sejam, no sentido de chamar atenção, de tornar popular (*ad populum*), não são argumentos. “A legítima argumentação não se confunde com o “bate boca” estéril ou carregado de animosidade. Ela deve ser, ao contrário, “construtiva na sua finalidade, *cooperativa* em espírito e socialmente *útil*” (p. 371. Grifos do autor. Adaptado).

³ Consideramos a dissertação argumentativa solicitada pelo ENEM como gênero, porque, como apresenta Coutinho (2003, p. 116), os gêneros são formas comunicativas relativamente instáveis (ou relativamente estabilizadas, num determinado período histórico, para uma sociedade ou grupo social), de que qualquer texto participa necessariamente.

Todas essas considerações anteriores sobre argumenta(r)(ção) têm base no pai do estudo dessa ciência, o filósofo grego Aristóteles (2005), que reflete sobre as várias definições de retórica e externa as suas principais concepções:

- a) A definição atribuída a Córax e Tísias, Górgias e Platão: geradora de persuasão;
- b) A definição de Aristóteles: a retórica parece ser capaz de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto;
- c) Uma das definições atribuídas a Hermágoras: a faculdade de falar bem no que concerne aos assuntos públicos;
- d) A definição de Quintiliano: a ciência de bem falar. (p. 22).

Por fim, o filósofo conclui:

Retórica é, pois, uma forma de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos. Não é, pois, fácil dar da retórica uma só definição. Quando dizemos que ela é a arte de falar bem e a arte de persuadir, a arte do discurso ornado e a arte do discurso eficaz, estamos simplesmente a tentar estabelecer a relação entre duas maneiras de definir a retórica, de ligar o ornamento e a eficácia, o agradável e o útil, o fundo e a forma (ARISTÓTELES, 2005, p. 24-25).

A obra dele e dos demais clássicos da argumentação, como Cícero, Perelman e Tyteca, Roland Barthes, dentre outros estão analisadas na recente obra *Argumentação*, de José Luiz Fiorin (2016), que é a base das demais discussões que fazemos neste tópico, bem como da análise do nosso *corpus*.

Fiorin (2016) afirma que a teoria da argumentação na língua tomou emprestada a noção de *tópoi*, de Aristóteles, que faz parte da *inventio*. O primeiro é uma espécie de modelo com que muitos argumentos podem ser construídos. Para Anscombe (1995, *apud* Fiorin, 2016), os *tópoi* são princípios gerais que servem de apoio aos raciocínios, mas não são raciocínios. Tomemos como exemplo o enunciado “Proteja-se: o sol está muito forte”. A partir dele, podemos chegar a algumas conclusões do tipo:

- a) Use protetor solar;
- b) Use boné/chapéu;
- c) Use óculos escuros;
- d) Use camisa térmica UV.

Finalmente, podemos concluir que o *tópoi* do enunciado “Proteja-se: o sol está muito forte” é que *o sol forte faz mal à saúde*.

Outro conceito a ser abordado sobre *tópoi*, como dito acima, é o de *lugar-comum* (*loci communes; koinói tópoi*), que, segundo Aristóteles (*apud* Fiorin, 2016), é uma das partes dos lugares (*tópoi*), juntamente aos lugares próprios (*loci proprii; ídioi tópoi*). Para

o autor, duas são as definições mais correntes de lugar-comum. A primeira é de esquema argumentativo que pode ganhar os conteúdos mais diversos, é uma matriz semântica, um molde discursivo. É essa a concepção que Aristóteles tem do lugar-comum.

Por exemplo, ele fala do lugar do mais e do menos. Nesse lugar, podem-se construir argumentos como: “Se os deuses não sabem tudo, menos ainda os homens; aquela pessoa pode ter agredido seu vizinho, porque já agrediu seu pai; em outras palavras, quem pode o mais pode o menos (*Retórica II, XXIII, 4, 1397b apud Fiorin, 2016, p. 95*).

A segunda concepção, à qual nós nos filiamos, é a de argumento pronto (nos termos de Fiorin (op. cit), *a leniência da justiça induz ao aumento da violência*). Nesse segundo sentido, o termo foi recebendo matizes diversos conforme a época: argumento já preparado; conteúdos fixos manifestados com figuras recorrentes; estereótipos, isto é, representações coletivas estáticas que orientam nossa ação; clichê. “Nesse sentido, que não é o aristotélico, o lugar-comum pode apresentar-se como uma sentença, que, segundo o Estagirita, revela uma opinião comum, que é evidente, não precisa de provas” (FIORIN, 2016, p. 96). É esse sentido de opinião comum, de argumentos baseados no senso comum, de afirmações genéricas e não fundamentadas que iremos adotar o conceito de *lugar-comum* para as análises das redações que constituem o *corpus* do trabalho monográfico.

Para Fiorin (2016), as teorias do discurso, quaisquer que elas sejam, não se pode limitar a essa microanálise linguística. Para esse autor, as teorias do discurso devem levar em conta dois aspectos: *de um lado*, a organização das unidades discursivas transfrásticas; *de outro*, o modo de funcionamento real do discurso, ou seja, seu caráter dialógico. “Para isso, é necessário revisitar a tradição clássica” (p. 17).

Aristóteles (*apud Fiorin, op. cit.*) divide os raciocínios em necessários e preferíveis. O primeiro é aquele cuja conclusão decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão deve ser válida. As premissas são as proposições, as ideias, de que se parte para chegar a uma conclusão. O tipo perfeito de raciocínio necessário, era, para o filósofo clássico, o silogismo demonstrativo, no exemplo de Fiorin (op. cit):

Todas as cidades têm trânsito pesado.
Ora, São Paulo é uma cidade.
Logo, São Paulo tem trânsito pesado (p. 17).

De acordo com o exposto sobre os raciocínios necessários, se é verdade que toda cidade tem trânsito pesado, não pode ser não verdade que São Paulo, que é a maior capital da América latina, tem um trânsito pesado. Nesse caso, afirma o autor, a conclusão não

depende de valores, de visão de mundo, de posições religiosas, de sentimentos, etc, porque é indiscutível.

Quanto aos preferíveis, são aqueles cuja conclusão é possível, provável, plausível, mas não necessariamente verdadeira, porque as premissas sobre as quais ela se assenta não são logicamente verdadeiras. O silogismo dialético ou retórico é um exemplo desse tipo de raciocínio.

Todo professor é dedicado.
Ora, André é professor.
Logo, André é dedicado (p. 18).

No caso acima, para Fiorin (2016), é possível, é provável, é plausível que André seja dedicado, mas não é logicamente verdadeiro, porque nem todos os professores são dedicados. Nesse caso, a admissão dessa e de outras demais premissas depende de crenças e de valores.

Os raciocínios necessários pertencem ao domínio da lógica (também chamado de juízo de verdade) e servem para demonstrar determinadas verdades. Os preferíveis (também chamados de juízo de valor) são estudados pela retórica e destinam-se a persuadir alguém de que determinada tese deve ser aceita, porque ela é mais justa, mais adequada, mais benéfica, mais conveniente e assim por diante. Seguindo essa linha de raciocínio, é sob essa premissa que a grande maioria dos candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio escreve: utiliza-se de argumentos prováveis/preferíveis, uma vez que não há como defender uma tese de um tema social e polêmico, como, em geral, é o do ENEM, só com verdades, visto que a verdade está baseada na lógica, o que é muito difícil de se atingir quando falamos de questões complexas.

É a partir dessa necessidade de o candidato convencer o interlocutor de que a tese dele é válida e de que os seus argumentos são preferíveis, porém válidos, que nasce a argumentação, que, para Aristóteles (*apud* Fiorin, 2016), são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese. Nos termos do filósofo: “[argumentação/argumentar é] a faculdade de considerar, para cada questão, aquilo que é próprio para persuadir” (ARISTÓTELES, 1991, I, 2, 1355b *apud* FIORIN, 2016, p. 19).

Segundo Fiorin (*op. cit.*), *A Retórica* compreende três livros. O primeiro trata do enunciador, de como ele concebe os argumentos, de como constrói seu *éthos* na enunciação; o segundo analisa o enunciatário, como ele recebe os argumentos em função do *páthos*; o terceiro estuda a mensagem, o *lógos*, como se expressam os argumentos.

Para Aristóteles (2005), os meios artísticos de persuasão são três: uns residem no caráter moral do orador; outros na disposição do auditório e outros, enfim, no próprio discurso, quando ele é demonstrativo ou parece ser (p. 37).

Cabe, aqui, rapidamente, esclarecer o que são esses nomes que substantivam as três partes do famoso livro de Aristóteles. Para Barthes (1975, *apud* FIORIN, 2016) o *éthos* do enunciador é uma conotação. O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, afirma: “sou isso, sou aquilo”. O *éthos* não se explicita no enunciado, mas na enunciação. Quando um professor diz: “eu sou muito competente”, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Para Fiorin, isso não serve de prova, não leva à construção do *éthos*. O caráter de pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas. “À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo *sou competente*” (p. 70. Grifo do autor). Esse mesmo *éthos* divide-se em três espécies, de acordo com O Estagirita: a) *a phrónesis*, que significa o bom senso, a prudência, a ponderação, ou seja, que indica se o orador exprime opiniões competentes e razoáveis; b) *a areté*, que denota a virtude, mas virtude tomada no seu sentido primeiro de “qualidades distintivas do homem”, portanto, a coragem, a justiça, a sinceridade; nesse caso, o orador apresenta-se como alguém simples e sincero, franco ao expor seus pontos de vista; e c) *a eúnoia*, que significa a benevolência e a solidariedade; nesse caso, o orador dá uma imagem agradável de si, porque mostra simpatia pelo auditório.

Com relação ao *páthos*, Fiorin (op. cit) afirma que os argumentos são válidos a depender deste. Nesse sentido, uns argumentos são válidos para um auditório mas para outro não, portanto, para que se argumente com maestria e precisão, o enunciador precisa conhecer o seu auditório e, mais que isso, precisa conhecer o *páthos* do seu auditório, que é “a disposição do sujeito para ser isto ou aquilo. Por conseguinte, bem argumentar implica conhecer o que move ou comove o auditório a que o orador se destina” (ARISTÓTELES, I, II, III 1356a *apud* FIORIN, 2016, p. 73), que não é, segundo o autor, a disposição real do auditório, mas uma imagem que o enunciador tem dela. Por exemplo, falar para adultos e para crianças; para leigos e para especialistas; para pessoas com altos e baixos níveis de letramento. É importante considerar que, mesmo sendo uma imagem criada pelo enunciador, esta precisa estar correta e próxima do real para que o objetivo seja atingido.

Nessa linha de raciocínio, o candidato que escreve uma redação do gênero dissertativo-argumentativo precisa conhecer o seu auditório, o que a teoria da comunicação chama de *receptor*, as teorias da interação chamam de *interlocutor* e os

publicitários chamam de *target*, para que consiga convencê-lo de que suas proposições são válidas. Quanto ao *páthos* do auditório de uma produção como essa, deve-se concebê-lo de forma genérica, levando em consideração carga de produções para serem avaliadas pelo avaliador, para que se adotem as melhores estratégias de produção, uma vez que, para se conhecer, de fato, o *páthos*, sobre o qual Cícero escreveu em *De oratore*, “Para nós que nos ocupamos desse povo e do foro, basta conhecer os costumes das pessoas e dizer aquelas coisas que não contrariam a opinião delas” (I, 223 *apud* FIORIN, 2016) seria necessário conhecer, pessoal e profundamente, o avaliador de sua produção.

Por fim, o *lógos*, que é o discurso, é constituído e constitutivo da linguagem que é opaca, ou seja, a comunicação, proposta pelos teóricos da teoria desse sistema, não é tão simples como se prega, com aqueles 6 (seis) elementos propostos por Roman Jakobson (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente). Fiorin (2016) aponta que o processo comunicativo é mais complexo, pois há uma diferença nítida entre comunicação recebida e comunicação assumida. Comunicar, para ele, é agir sobre o outro e, por conseguinte, não é só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo a que se propõe (p. 76).

Por crer que a argumentação é constituída de linguagem, ou seja, é por meio desta que aquela ocorre, alguns conceitos são abordados por Fiorin (op. cit) como *Ambiguidade e vagueza da linguagem*, em que se exploram os recursos de semântica, como polissemia, ambiguidade, imparcialidade, neutralidade e o politicamente correto, que diz respeito muito a imagem que o enunciador faz dele a partir de escolhas linguísticas corretas para cada momento. De acordo com o autor, Aristóteles, na *Retórica*, já ensinava que quem fala ou escreve cria, ao produzir esses textos, uma imagem de si mesmo (I, II, IV, 1356a). Assim, “sem dúvida nenhuma, a presença de certas palavras num determinado texto faz que ele seja racista, machista, etc.” (p. 88).

Ainda na seara de discussões do *lógos*, cabe explicitar, mesmo que rapidamente, dois conceitos importantes que serão utilizados em nossas análises: o de *acordo prévio* e o de *lugar-comum*.

De acordo com Fiorin (2016), todo debate de ideias divergentes assenta-se num patamar mínimo de acordo. Não suscitaria polêmica uma excomunhão pelo arcebispo de Recife dos médicos que fizeram abordo numa menina de 9 anos, estuprada pelo padrasto, se não se considerasse dotada de alguma relevância a atitude eclesiástica de excomungar alguém (p. 93). Seguindo essa linha de pensamento, o aluno que inicia uma redação parte

de um acordo prévio, que é o próprio tema. A partir de cada tema, estabelece-se um lugar comum de discussão do qual se tem que partir.

Para ilustrar esse caso, tomemos como exemplo a mais recente proposta de redação do ENEM, a de 2016. O tema era *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil*. Todos os candidatos deveriam convir que se deve *combater* algo é porque esse algo não presta. Afinal de contas, de acordo com o dicionário *Dicio* on line, *combater é bater-se contra/ combater um inimigo*. Portanto, o acordo prévio dos candidatos do ENEM 2016 seria *intolerância religiosa é um problema*.

Pelo fato de argumentação andar parelhamente com semântica é que Fiorin (op. cit) destina um capítulo de sua obra a essa relação, denominado *Argumentação e inferência*. Para o autor, a inferência é a operação pela qual se admite como correta uma proposição em virtude de sua ligação (por implicação, por generalização ou mesmo, segundo alguns autores, por analogia) com outras proposições consideradas verdadeiras. O raciocínio inferencial pode estar ou não expresso integralmente no texto. “O texto diz mais do que aquilo que está enunciado; ele apresenta pressuposições, subentendidos, consequências não ditas, etc.” (p. 31). Nesse sentido, as inferências podem ser de ordem lógica, de ordem semântica e de ordem pragmática. As lógicas são aquelas determinadas por relações entre proposições; são decorrências necessárias de implicações entre proposições. Um silogismo, por exemplo, apresenta duas premissas (a maior e a menor) e uma conclusão que decorre necessariamente das proposições apresentadas. No exemplo do autor:

Todas as cidades grandes são perigosas
São Paulo é uma cidade grande.
Logo, São Paulo é perigosa. (p. 32)

Segundo Fiorin, a inferência semântica é aquela que decorre do significado de palavras ou expressões, como no caso dos pressupostos. Quando se diz que *Antônio parou de fumar*, pressupõe-se que Antônio fumava. É dessa inferência que surgem os conhecidos *pressuposto* e *subentendido*. O conteúdo explícito em qualquer enunciado é chamado de *posto*, enquanto o implícito será denominado *pressuposto*. “Quando se diz *Os fiscais da prefeitura continuam cobrando propina*, o conteúdo posto é o de que atualmente eles cobram propina e o pressuposto, (...), é o de que eles já cobravam anteriormente” (p. 37 – Grifo do autor), Segundo Fiori (2016), enquanto o posto é questionável, o pressuposto é verdadeiro ou tomado como tal, pois, se ele fosse falso, os conteúdos explícitos não fariam nenhum sentido. Nos termos do autor, a frase *Hoje não*

se fuma mais nas salas de aula só tem sentido se admitirmos como verdade que antigamente se fumava nas salas de aula.

Quanto, ainda, ao pressuposto, Fiorin (op. cit) chama atenção para que este é um importante e muito utilizado recurso argumentativo, uma vez que conduz a aceitar certas ideias do enunciador. No entanto, ressalta, muitas vezes, os pressupostos são generalizações infundadas ou preconceitos, a exemplo de *Ele é político, mas é honesto; Ele é ecologista mas tem bom senso*, dentre outros.

Já os *subentendidos*, segunda forma de inferência semântica, “é uma informação cuja atualização depende da situação de comunicação” (FIORIN, 2016, p. 39). Para esse autor, a diferença entre pressupostos e subentendidos é que aqueles são de responsabilidade do enunciador, enquanto estes são de responsabilidade do enunciatário. O subentendido, para Fiorin, é, também, uma maneira de dizer sem se comprometer, de dizer sem dizer, de sugerir, mas não afirmar.

2.1.2 A argumentação em Ducrot e Anscombe

Fiorin (op. cit) relaciona a teoria da argumentação à ideia de que constitui lugar-comum na linguística atual a defesa de que a argumentação é intrínseca à linguagem humana. Afirmação que é feita por causa das contribuições dos estudiosos da argumentação na língua: Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombe. No entanto, a argumentação abordada por esses dois linguistas franceses “tem um sentido muito diferente daquele que eles têm na tradição retórica que vem de Aristóteles” (p. 15). A teoria dos autores franceses é a ADL (em francês, *Dans la Langue*; em português brasileiro, Argumentação na Língua). Segundo Cabral (2011), se, para os estudiosos da retórica, a argumentação encontra-se especialmente na organização dos discursos e na escolha dos argumentos, para a ADL, a argumentação encontra-se marcada nas escolhas linguísticas; ela está, para a autora, na língua, “embora possa servir de instrumento para a argumentação retórica” (p. 15).

Essa teoria considera que argumentar consiste em apresentar um enunciado, que é uma frase em uso, dentro de um contexto enunciativo, ou um conjunto deles, como destinado a fazer admitir um outro. Para os teóricos da ADL, segundo Cabral (2011), há, na língua, imposições que regem a apresentação de alguns enunciados e as conclusões a que eles conduzem. Portanto, a argumentação não está somente nos argumentos que a

acompanham, mas também na forma como essa argumentação é enunciada ao seu destinatário, o que Aristóteles chamava de auditório (FIORIN, 2016).

Para ilustrar a teoria acima, brevemente, apresentada, Cabral (2011) utiliza o exemplo de enunciado “Este restaurante é muito bom!” (p. 16). Por meio dele, podemos chegar a algumas conclusões do tipo: a) *Devemos ir jantar lá;* ou b) *Ele deve ir com seu cliente especial;* ou c) *O restaurante deve ser caro;* ou, até d) *O restaurante tem um preço acessível.*⁴

Para finalizar, Cabral (op. cit) considera que a ideia que temos aqui é a de que faz parte do sentido de um enunciado pretender indicar a direção da continuação do diálogo, ou seja, conforme dito anteriormente, um enunciado é produzido com a intenção de validar outros.

2.1.3 A categorização dos argumentos

Nesta seção, os principais argumentos que serão utilizados na análise dos dados serão categorizados e explicados no decorrer do texto. Esses argumentos foram citados por Fiorin (2016), que, por sua vez, retirou-os de Aristóteles (2005), conforme se apresentam no Quadro 1:

Quadro 1 – Tipos de Argumentos

TIPOS DE ARGUMENTOS
<i>Argumentum a pari/ a simili</i> (por semelhança)
<i>Argumentum a contrario</i> (pela oposição)
Argumentos fundados no princípio da não contradição
Causalidade
Sucessão
Fatos
<i>Argumentum ad consequentiam</i>
<i>Argumentum ad hominem</i>
<i>Argumentum tu quoque</i>
<i>Argumentum ad verecundiam</i>
<i>Argumentum ad ignorantiam</i>

⁴ Exemplo nosso. O predicativo do sujeito “bom”, representado pela classe adjetiva, não designa necessária e obrigatoriamente a característica de ser caro, mas também pode ser bom porque tem preço acessível, ou, no popular, “barato”.

<i>Argumentum a fortiori</i>
Argumentos fundamentados na estrutura do real
<i>Argumentum a simili</i> (por analogia)
<i>Secundum quid</i>
Petição de princípio
<i>Ignoratio elenchi</i>
Argumento do espantalho

Produção nossa.

Dentre as várias categorizações que se fazem durante a obra, Fiorin (2016) cita o *Argumentum a pari* ou *a simili* (argumento por semelhança), também chamado de regra de justiça, em que casos semelhantes têm de ter julgamentos semelhantes, “é aquele que recusa a lógica do “dois pesos e duas medidas”. Para exemplificar, o autor cita o poema “Dois Vigários”, de Drummond, em que se abordam dois comportamentos totalmente diferentes desses dois líderes religiosos e, ao morrerem atingidos por um raio, tiveram o mesmo destino: foram enterrados lado a lado, sem nenhum tipo de mérito a mais ao que se comportava conforme mandavam os bons comportamentos.

O inverso do argumento anterior é o *Argumentum a contrario* (argumento pela oposição), o que significa que ele apela para o fato de que, se uma situação é vista de determinada maneira, a situação oposta deve ser considerada de maneira diversa. O exemplo ilustrado pelo autor é um artigo escrito pelo jornalista Francisco Bosco, em resposta a outro escrito por Luiz Filipe Pondé. O artigo de Bosco irá utilizar a estratégia do *argumentum a contrario* para afirmar que, quando Pondé considera que a mídia não recai sobre os casos de preconceito, por meio de piadas, contra cristãos, mas somente contra negros e demais minorias sociais, ele está praticando uma incoerência, uma vez que cristãos são maioria. Então, as piadas que são direcionadas a esses grupos de maioria são feitas com a intenção de ridicularizá-los e desestabilizá-los, diferentemente do que acontece com os de minoria, que são feitas com a intenção de oprimi-los e menosprezá-los. Assim, nas palavras de Bosco, “dois pesos e duas medidas que Pondé denuncia, são, ao contrário, jutos: uma vez que o mundo tem pesos e medidas diferentes, fazer justiça está em adequar-se a essas diferenças, para repará-las” (FRANCISCO BOSCO, O Globo, 05/03/2014 *apud* FIORIN, 2016, p. 138).

Outro tipo de argumento que deve ser destacado aqui são os *Argumentos fundados no princípio da não contradição*, segundo os quais uma coisa não pode ser dita e não dita ao mesmo tempo. Por exemplo, no sistema biológico, não há a possibilidade de uma mulher, sendo virgem, conceber um filho, mas, no sistema mítico-religioso, Maria, mãe de Jesus, concebeu-o pertencendo à condição de virgem.

Ainda no âmbito da categorização dos argumentos, Fiorin (2016) propõe uma série de argumentos, que foram elencados por Perelman e Tyteca (2005), denominados *argumentos fundamentados na estrutura da realidade e argumentos fundamentados na estrutura do real*.

Quanto ao primeiro grupo de argumentos, segundo Perelman e Tyteca (op. cit *apud* Fiorin, op. cit), “são aqueles baseados em relações que nosso sistema de significação considera existentes no mundo objetivo: causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização” (p. 149). Um dos tipos importantes para nossa análise é o *argumento de causalidade*, em geral, muito utilizado pelos produtores do gênero dissertativo-argumentativo. Esse tipo de argumento expõe a causa dos fenômenos, no nosso contexto, do problema abordado na tese. No entanto, considera Fiorin (2016), o conceito de causalidade foi um dos mais discutidos no âmbito da filosofia, pois supõe um encadeamento dos fatos, em que um acontecimento antecedente produz um dado efeito.

Por exemplo, ao afirmar que a seca do Sudeste é causada por uma massa de ar seco que impede a entrada das frentes frias, está-se determinando uma das causas (a natural) da seca nessa região. Porém, podem-se citar outros fatores, como o aquecimento global, o desperdício de água, dentre outros. Nesse sentido, a argumentação se constrói a partir do julgamento da pertinência dessas causas, baseado na tese a ser defendida; daí a importância de uma escala argumentativa a fim de que se mensure, para ocasiões específicas, a força de cada argumento utilizado.

É pelo fato de se julgarem as causas que existem as *necessárias* e as *suficientes*. Para o autor, uma condição suficiente para ser X garante que tudo o que satisfaz essa condição é X, mas não assegura que tudo o que é X satisfaz essa condição. O exemplo dado por Fiorin é o provérbio *Não há rosas sem espinhos*, ou seja, não há alegria sem dor. Esse provérbio é uma premissa condicional: se há rosas, então há espinhos. A negativa da afirmação anterior também deve produzir efeito semelhante: *não* há espinhos, portanto *não* há rosas. Porém, chama a atenção o autor para a confusão entre as condições necessárias e suficientes causam argumentos inválidos, do tipo: se há rosas, então há

espinhos. Não há espinhos, portanto não há rosas. Essa relação não é válida, pois não somente as rosas apresentam espinhos.

Quanto ao segundo tipo de argumento fundamentado na estrutura da realidade, a *sucessão*, Fiorin (2016) considera que é o argumento que sustenta o pensamento mágico e as credences populares. Sua base é o princípio latino *post hoc, ergo propter hoc* (depois disso; portanto, por causa disso), ou seja, se um fenômeno aconteceu após o outro, foi por causa do seu antecedente. Por exemplo, uma pessoa passa debaixo de uma escada e, logo após, um jarro cai em sua cabeça. Quem utilizar da sucessão vai crer que o acidente foi motivado pela passagem por baixo da escada.

Outro tipo de argumento muito utilizado na produção do gênero-*corpus* da monografia são os fatos. Fiorin (2016) relembra um famoso provérbio de nossa língua que diz que *contra fatos não há argumentos*, contrapondo a objetividade e a certeza daqueles em oposição à subjetividade e à incerteza destes. Porém, isso não é tão válido quanto se pensa, uma vez que, se assim fosse, as ciências jurídicas não sobreviveriam diante de tantos fatos comprováveis e verdadeiros *versus* a argumentação da defesa, que, por várias vezes, sai vitoriosa. Em contrapartida, há de se concordar com que há fatos irrefutáveis, como mostra Fiorin (op. cit) na afirmação *ontem, choveu granizo*. De fato, não há como contestar um fato como o dito, uma vez que está-se lidando com um fenômeno natural. Os números (dados, datas, contabilidades) são clássicos exemplos dos fatos, porque dão uma impressão objetiva destes, facilitando, assim, o percurso argumentativo.

Ainda nesse rol de argumentos da realidade, temos o *argumentum ad consequentiam* ou argumentos pragmáticos, em que se defende uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz (p. 159). Nele, os fins justificam os meios e suas proposições têm natureza diversa, por exemplo,

- a) as descritivas, que apresentam um fato ou aquilo que se considera como tal;
- b) as avaliativas, que fazem uma apreciação sobre um dado elemento, como *o racismo é intolerável* (p. 165);
- c) as incitativas, que convocam a realizar uma ação ou a evitar algo que se produza, como *é necessário evitar a violência nas relações pessoais*. Estas podem ser a favor ou contrárias, como um argumento muito utilizado nas redações do *corpus* desta pesquisa que foi a lei de cotas. “Os que contrários à implantação dizem que a adoção criará uma racialização (consequência negativa); os favoráveis afirmam que ela corrigirá distorções históricas” (FIORIN, 2016, p. 165).

Para finalizar a ilustração parcial do conjunto dos *argumentos fundamentados na estrutura da realidade*, explicaremos alguns dos *argumentos da coexistência*, que são

aqueles que relacionam um atributo com a essência de um ato ou com a pessoa. São eles: o *argumentum ad hominem*, o *argumentum tu quoque*, o argumento de autoridade ou *argumentum ad verecundiam*, o *argumentum ad ignorantiam* e os argumentos *a fortiori*. Abaixo, explicaremos, com mais detalhes, a constituição de cada argumento desse.

Quanto ao primeiro, não se discutem os méritos intrínsecos do ponto de vista ou da dúvida do oponente, mas se desqualifica o adversário como interlocutor sério, apresentando-o como alguém incompetente, por isso o nome *argumentum ad hominem*, ou seja, direcionado ao homem/ à pessoa e não propriamente à discussão (p. 172). Para Fiorin (2016), a dialética considera esse argumento uma falácia, porque os atributos do argumentador não fazem suas próprias proposições falsas ou incorretas, “no entanto, ele é eficaz na discussão, quando não se têm provas consistentes para sustentar um argumento ou elas são muito fracas” (idem, p. 172). Nos exemplos do autor, quando se diz a um homem que apresenta uma objeção à descriminalização do aborto que só as mulheres têm direito a discutir a questão, pois o homem apresentaria, pela própria condição masculina, uma parcialidade inevitável, pode-se inverter o argumento, dizendo que as mulheres, por ter um interesse pessoal no tema, não seriam as pessoas que poderiam debater com racionalidade.

Quanto ao segundo, que, em português, significa “você também”, consiste em rebater uma crítica com ataque ao oponente, em que se assinala uma inconsistência entre suas diferentes afirmações feitas em épocas diversas ou entre suas ideias e suas ações no passado ou no presente (p. 174). Julga Fiorin (2016) que, em outros termos, *tu quoque* é a desqualificação do argumento do outro, por considera-lo hipócrita. “A frase do português que expressa com perfeição esse modo de rechaçar uma crítica é “Olhe só quem está falando!”. É sem dúvida nenhuma uma variação do argumento *ad hominem*” (idem).

No que tange ao terceiro tipo, é o de “argumento em que se apela para a modéstia, para o respeito, para a reverência (FIORIN, 2016, p. 176)”. Segundo o autor, foi John Locke quem deu esse nome à estratégia de valer-se sempre da citação de um terceiro que tem nome respeitado ou uma autoridade muito grande para um determinado auditório, em apoio a um ponto de vista de um debatedor. Seguindo esse raciocínio, pode-se fazer uma relação com o tema da redação do nosso *corpus* (*A problemática do racismo no Brasil*): por exemplo, há a possibilidade de figurar, em alguma(s) redação(ões), o argumento de que, segundo Florestan Fernandes, em seu livro *A integração do negro na sociedade de classes* (1965), ao negro foi dada a liberdade, mas não as condições de usá-la. Ora, sabendo que Florestan foi um grande sociólogo brasileiro, deputado federal de São Paulo,

que destinou sua vida a estudar a sociedade brasileira, sobretudo a relação desta com os negros, o argumento utilizado foi de autoridade, pois se apoiou no retrospecto, na modéstia e no respeito que Fernandes tem para embasar seus argumentos.

Quanto ao penúltimo tipo, o *argumentum ad ignorantiam*, aquele que apela para a ignorância. Citando como exemplo o coletado por Fiorin (2016), Aécio Neves, falando à imprensa sobre a construção, na cidade de Cláudio, em terras de um tio-avô, de um aeroporto, disse: “Já dei todos os esclarecimentos que julgava necessário” (FOLHA DE SÃO PAULO, 27/07/2014 *apud* FIORIN, 2016, p. 178). Para o autor, há três táticas para encerrar essa discussão por meio do *argumentum ad ignorantiam*:

- a) considerar absoluto o êxito, a completude, a veracidade de uma explicação, da defesa de um determinado ponto de vista. Toma-se a alegação do enunciador como prova da verdade do que foi dito;
- b) levar em conta que o fracasso da defesa de uma tese é absoluto, o que significa julgar que a não comprovação de um ponto de vista implica que seu contrário seja verdadeiro, isto é, “que a negação de um argumento positivo supõe a afirmação da ideia oposta” (p. 178); e
- c) exigir que o adversário aceite uma tese por falta de uma alternativa viável: “como não existe alternativa viável para a produção de grandes quantidades de energia não poluente, os ecologistas devem aceitar a construção de hidrelétricas com grandes reservatórios é a melhor solução para o Brasil” (FIORIN, 2016, p. 179).

Quanto ao último tipo, os argumentos *a fortiori* (=por causa de uma razão mais forte) dividem-se em *argumentum a minore ad maius* (=do menor para o maior) e *argumento a maiore ad minus* (=do maior para o menor). No primeiro caso, segundo Fiorin (2016), colocam-se em paralelo, duas ordens de grandeza, dizendo que, se se admite a menor, com muito mais razão, admite-se a maior: “se um primata é capaz de reconhecer formas geométricas, com muito mais razão, os homens apresentam essa capacidade” (p. 181). Seguindo essa linha de raciocínio e fazendo analogia com a redação estilo ENEM, é comum vermos argumentos do tipo: “Após as revoluções industriais e o amplo acesso ao conhecimento, é inadmissível que, em pleno século XXI, ainda haja discriminação racial”. Esse tipo de argumento leva o auditório a crer que, com o passar do tempo, a tecnologia aumentou, bem como o acesso ao conhecimento; as teorias que consideravam os negros uma sub-raça já não vigoram mais; inúmeras vidas foram ceifadas por causa de preconceito racial completamente infundado, *por isso*, em pleno século XXI, após tudo isso ter acontecido, *é inadmissível que ainda haja discriminação racial*.

Em relação aos *argumentos que fundamentam a estrutura do real*, que são aqueles que não são vistos como conformes à maneira como se estrutura a realidade, mas que são considerados modos de organização da realidade. “São argumentos indutivos ou analógicos, ou seja, aqueles em que se generaliza a partir de um caso particular ou aqueles em que se transpõe para outro domínio o que é aceito num campo particular” (FIORIN, 2016, p. 185).

Nos argumentos indutivos, nós temos os argumentos *pelo exemplo e pela ilustração*. No primeiro, formulamos um princípio geral a partir de casos particulares ou da probabilidade de repetição de casos idênticos. O caso particular, segundo Fiorin (2016), serve para comprovar uma tese. Genericamente, afirma o autor, “Temos esse tipo de argumentação, quando, por exemplo, depois de narrar que um fiscal de arrecadação foi preso em flagrante recebendo propina, concluímos que os fiscais são corruptos” (idem, *ibidem*). Em dissertações argumentativas, é comum o escritor tentar conduzir o leitor, argumentando por exemplificação, para que este se convença de que o(s) exemplo(s) particular(es) que aquele está dando corresponde, em certo sentido, ao geral. A título disso, disserta-se, argumentativamente, sobre temas polêmicos como *porte de armas, legalização da maconha no Brasil, Projeto Escola Sem Partido*, dentre outros. É comum, em temas como esses, citarem-se fatos que induzam à conclusão a que o próprio enunciador quer chegar.

O segundo tipo de argumento indutivo serve para reforçar uma tese tida como aceita. “Ele figurativiza-a para dar-lhe concretude, para torná-la sensível, para aboná-la. Por isso, não se destina à comprovação, mas à comoção; volta-se mais para o sentimento” (idem, p. 188). Fiorin (2016) toma como base uma tese muito difundida em dissertações argumentativas estilo ENEM: a de que os brasileiros gostam de levar vantagem em tudo. Assim, utiliza uma citação que se aproveita dessa tese e ilustra-a:

Colar na prova, falsificar carteirinha de estudante, apresentar atestado médico adulterado, comprar produtos falsificados, guardar lugar na fila, bater ponto para o colega de trabalho, roubar TV a cabo, tentar subornar o guarda para evitar multas... É infinita a lista. Morei nos Estados Unidos em 1986, e sempre havia um brasileiro para ensinar como fazer ligações para o Brasil sem pagar ou como burlar a catraca do metrô. [...] Só importa ser esperto e levar vantagem em tudo. (Júnia Mendes Breta, *veja*, 09/04/2014:34 *apud* FIORIN, 2016, p. 188)

Para o autor, a argumentação pela ilustração e pelo exemplo constitui um defeito argumentativo, porque “não se pode, por exemplo, dizer que, a partir de um único caso de corrupção no serviço público, todos os funcionários são corruptos” (p. 188). Nesse

sentido, como veremos no tópico posterior, esse tipo de argumento se enquadra como nível 2, ou seja, argumento genérico sem a devida comprovação objetiva.

À luz de Fiorin (op. cit), na ilustração, os casos particulares podem ser apresentados como modelos a seguir ou antimodelos a evitar. O modelo, segundo o autor, é uma personagem ou um grupo humano com quem se procura criar identificação, que merece ser imitado. Expandindo o conceito, podemos, também, considerar como modelos ou antimodelos ações, projetos, leis e qualquer outro fenômeno social que tenha servido de exemplo positivo ou negativo para determinada(s) tese(s). Fiorin lembra que, no discurso religioso católico, com muita frequência, a Virgem Maria e os santos são apresentados como modelos de virtude que todos os cristãos devem praticar em sua vida. No tema abordado no nosso *corpus* de análise, modelos como Bob Marley, Martin Luther King, Muhammed Ali, Abraham Lincoln e antimodelos como Hitler, o processo de escravidão brasileiro, o preconceito de famosos, podem figurar como forma de especificação da ilustração.

Por fim, para ilustrar mais um dos variados tipos de argumentos de que dispomos no grande rol das possibilidades, temos o *argumentum a simili* ou argumento por analogia. *A priori*, parece com o argumento por comparação, mas não o é, porque aquele não é fundado no princípio da identidade como a comparação, mas está baseado na experiência. Para evidenciar essa diferença, lembremos do argumento pela semelhança: neste, há a relação se *a* está para *b* e *c* também está para *b*, então *a* está para *c*. Temos como exemplo uma antiga máxima das amizades por tabela: *se é amigo do meu amigo, é meu amigo também*. Na semelhança, temos *a* está para *b* e *c* está para *d*, mas o domínio significativo de uma relação passa para a outra. O exemplo citado por Fiorin (2016) foi uma semelhança de uma situação real com uma anedota:

Seis dos onze ministros do (do STF) posicionaram-se a favor das doações de empresas a candidatos. Como na anedota do marido que pega a mulher traindo-o no sofá da sala e decide jogar fora a mobília, o supremo achou por bem derrubar a casa toda, em vez de confrontar o problema (*Veja*, 09/04/2014:68, *apud* FIORIN, 2016, p. 192).

Nessa obra de Fiorin ainda há um capítulo, denominado *Outras técnicas argumentativas*, destinado a tratar de argumentos falaciosos ou argumentos de má-fé, que não são apreciados nem descritos por Perelman e Tyteca, por julgarem, assim como Garcia (1981), a argumentação restrita apenas ao domínio do racional. No entanto, afirma Fiorin (2016), desde a Antiguidade, os argumentos falaciosos foram objeto de minuciosos

estudos, “como fez Aristóteles nas *Refutações Sofísticas* (2005d)” (p. 199). Nos estudos modernos, continua o autor, esse assunto desapareceu, mas ainda é tratado após a recuperação da lógica e da retórica antiga, por autores como Eemeren e Grootendorst, 2002 (idem).

Dentre os argumentos elencados cabe, neste trabalho, explicar, com possibilidade de figurar nas redações do *corpus* desta pesquisa, as estratégias *secundum quid*, *petição de princípio*, *ignoratio elenchi* e *a distorção do ponto de vista do adversário ou argumento do espantalho*.

A estratégia *secundum quid* é uma generalização universal e indevida. Para Fiorin, perpetra-se esse “erro”, quando, de uma proposição singular, aquela que se refere a um único ser, conclui-se uma verdade universal, ou seja, aplicável a todos os seres de um dado conjunto. Assim, “afirmar que todos os professores de Português são chatos, porque um determinado professor de português é chato, é fazer uma generalização indevida. As generalizações estão na nossa escala argumentativa e configuram-se como argumento de nível 2, juntamente às posições de lugares-comuns, uma vez que toda generalização é pecaminosa no sentido de incluir inúmeros casos que não se incluem em determinadas afirmações. Um exemplo básico e muito recorrente em dissertações argumentativas estilo ENEM com o tema abordado no nosso *corpus* é a afirmação *O preconceito racial no Brasil persiste por causa da herança do período da escravidão*. Em certo sentido, essa afirmação é verdadeira, porque a principal causa da triste herança do racismo contra negros no Brasil é, de fato, os mais de três séculos em que utilizamos da mão de obra escrava aqui. Porém, a persistência desse racismo não é, necessariamente, *por causa* da herança, uma vez que, passados 128 anos do fim da escravidão, boa parte da população brasileira sabe que a prática do racismo é crime, o negro não é sub-raça, nós somos miscigenados e a cor da pele não condiciona o comportamento sócio-cognitivo de um ser. Assim, a generalização acima feita inclui em seu escopo casos de racismo por puro preconceito e intolerância oriundos da personalidade de um cidadão ou, até mesmo, das orientações familiares e sociais que ele recebeu e não somente por *herança da escravidão*.

Dando seguimento ao percurso, temos a estratégia de *petição de princípio*. Essa estratégia reside em o enunciatório considerar como prova de sua defesa aquilo que deveria ser provado. O exemplo veiculado por Fiorin (2016) é uma declaração de José Dirceu, em 2005, que diz *Não sou corrupto. Tenho as mãos limpas*. Os dois segmentos, segundo o autor, mantêm uma relação de causa e consequência: *eu não sou corrupto*

porque tenho as mãos limpas, ou seja, a causa de o ex-ministro não ser corrupto é, pura e simplesmente, ter as mãos limpas. Linguisticamente, essa afirmação poderia ser substituída por *Não sou corrupto, porque não sou corrupto*. Decerto, o efeito não seria o mesmo do alcançado pela primeira afirmação.

Outro exemplo do âmbito político trazido por Fiorin foi mais uma declaração de Dirceu, quando defendia o governo de cujas pastas ministeriais participava: *Este é um governo que não rouba, não deixa roubar e combate a corrupção*. Para o autor, seu argumento é universal. Não se trata do fato de o governo, em sua totalidade, roubar, deixar de roubar ou combater a corrupção. Trata-se de demonstrar que, no caso particular, não houve violação dos princípios de moralidade. Nesse sentido, o ex-ministro utilizou justamente a parte que deveria ser provada (a corrupção) como sua principal prova.

Por fim, mais um exemplo de petição de princípio é quando se tenta comprovar uma proposição com vários atributos e a premissa incide apenas sobre um deles: por exemplo, *Este governo é eficiente e honesto, porque nunca se fez tanto pelos pobres*. A premissa de que o governo é eficiente e honesto porque trabalha pelos pobres não é suficiente para provar, em partes, sua eficiência e, no todo, sua honestidade.

Na penúltima estratégia, a *ignoratio elenchi*, utiliza-se de uma estratégia sofista, ou seja, de um argumento ilegítimo, da ignorância a determinadas teses, em oposição ao percurso do debate racional e centrado na proposição inicial, como propõe os estudos de argumentação. Exemplifica Fiorin (2016) que um caso a se discutir são os dossiês sobre gastos com cartões corporativos que envolveram alguns governos. Para a defesa desse suposto desmando de gastos do dinheiro público, um dos discursos proferidos foi o seguinte: *Mas no governo de seu partido também se faziam, com cartões corporativos e instrumentos assemelhados, pagamentos contrários às normas legais*. Nessa construção, ignorou-se a tese de que estava havendo uma prática indevida no governo e, num ato de ataque (Cf. argumento *tu quoque*), mudou-se o curso natural da argumentação, deixando de refutar a crítica que fora feita para ignorá-la (daí o nome *ignoratio elenchi*) e mudar a proposição inicial, o que, para os princípios da argumentação, constitui um sofisma, ou seja, um erro.

Por fim, a última estratégia elencada é a *distorção do ponto de vista* ou *argumento do espantalho*⁵. Essa estratégia é maciçamente utilizada em debates políticos, em que prevalece o ataque para defender e distorção do que foi dito para atacar. O

⁵ A referência ao espantalho ocorre, porque, segundo a tradição, esses bonecos são fixados em plantações para desviar a atenção e afugentar determinadas aves que devoram os plantios.

exemplo citado por Fiorin foi de uma frase proferida por Eduardo Gomes, candidato à presidência em 1945, que dizia que não queria os votos *da malta de desocupados que frequentava os comícios de Getúlio Vargas*. Nessa frase, a palavra “malta” estava com sentido de “bando”. Hugo Borghi, relembra o autor, espalhou que o sentido de “malta” atribuído pelo então candidato era de “grupos de operários que percorrem as linhas férreas levando suas marmitas”. Essa atitude culminou na disseminação de que Eduardo era preconceituoso e, nos termos de Fiorin, “Não é preciso dizer que ele perdeu as eleições” (p. 217).

As duas formas de se praticar o argumento do espantalho são: *a)* atribuir um ponto de vista fictício para a proposição feita; e *b)* distorcer o ponto de vista. Segundo a recomendação de Fiorin, as distorções entre a opinião original e a distorcida devem ser sutis, para que a manobra seja eficaz. É preciso que a distorção permita refutar a perspectiva do outro mais facilmente e um modo efetivo disso é tirar a afirmação do contexto em que ela está, atribuindo-lhe um ponto de vista fictício. O exemplo citado pelo autor foi uma notícia veiculada na *Folha*, cujo título era *Viagem do astronauta brasileiro é ‘marketing’, diz diretor do CTA*. As aspas utilizadas em ‘marketing’ eram indicadoras de que foi uma citação identicamente retirada da fala do comandante que a proferiu, no entanto muitas pessoas encararam-na como uma sátira do próprio jornal, que quisesse dizer que a viagem só serviu de propaganda e não trouxe nenhum benefício/conhecimento.

Para o exemplo *b)*, recomenda o autor, a distorção pode ocorrer como ocorreu com Alckmin, quando, na campanha presidencial, em 2006, afirmou que iria vender o avião da presidência. Lula, seu adversário, em um debate, disse: “A história deles é predadora, eles só sabem vender. Não é invenção minha. Parecem fábrica de demolição: não podem ver uma coisa funcionando que querem vender. Até o avião vão privatizar”. Nesse caso, *vender* foi utilizado no lugar de *privatizar*.

2.1.4 Escala de força argumentativa

De acordo com nosso segundo objetivo específico de pesquisa, que é *verificar a força dos argumentos utilizados*, precisaremos mensurar a força dos argumentos que forem utilizados nas redações analisadas. Para tanto, utilizamos um único critério geral, com base em Fiorin (2016), quando, analisando Aristóteles (2005), deixa entender que a argumentação, quanto menos pessoal e subjetiva for, mais forte e, portanto, mais

4. ANÁLISE DAS REDAÇÕES À LUZ DE TEORIAS ARGUMENTATIVAS

A análise está orientada pelas contribuições dos estudos da argumentação clássica de base aristotélica, estudadas por Fiorin (2016), cujas concepções não se coadunam com as de Ducrot e Anscombe, que estudam a argumentação baseada na semântica da língua que “nada tem a ver com a discursivização, como entendia a milenar tradição retórica, que a considerava uma estratégia discursiva com a finalidade de persuadir o auditório (o enunciatório, diríamos hoje)”(p. 16). Cabe salientar que a denominação da seção/ parte da argumentação, na dissertação argumentativa, é apenas inferida, uma vez que a configuração macroestrutural da dissertação argumentativa é a de um texto corrido, e cada uma das partes/ seções são inferidas tanto pelo produtor quanto pelo leitor, embora, na maioria dos casos, precise estar presente nos parágrafos mediais, visto que demanda um espaço físico considerável para que se desenvolvam os argumentos selecionados.

¹⁰Antes de iniciar a análise do *corpus*, é importante que se analise, rapidamente, a ¹¹proposta de redação. Tal proposta tem como frase-tema *Racismo no Brasil: problemas e perspectivas*, que aponta para a proposição inicial da qual temos de partir, que é o que Fiorin (2016) chama de acordo prévio, assim, o acordo prévio dessa proposta de redação é *o racismo é um problema*. Conforme esse autor, o acordo prévio, em sua maioria, é implicitamente estabelecido, assim como foi na proposta, e, além disso, não há discussão/argumentação se os pontos de partida são diferentes. Portanto, o aluno que, por ventura, não considerasse, em sua tese, que *racismo é um problema*, estaria descumprindo o acordo prévio implicitamente estabelecido e, conseqüentemente, estaria fugindo do tema, o que, no ENEM, é motivo para nota zero.

A seguir, procedemos à análise de cada redação constituinte do *corpus*.

¹⁰ É importante considerar que, na análise, não será abordado nenhum aspecto normativo da língua (ortografia, pontuação, concordâncias, etc), uma vez que não é nosso objetivo. As transcrições estão da forma como o texto foi escrito.

¹¹ Ver anexo 13.

4.1 Redação 01 (R1)

FICHA DE REDAÇÃO

5 O racismo no Brasil tem raízes históricas internas. Foi um dos últimos países do mundo a obter a independência, e suas tentativas de imersão e migração na sociedade foram tardias. Com isso, o racismo no Brasil se tornou um problema educacional e cultural.

10 No Brasil, os grades curriculares dos escalos de ensino fundamental e médio, não contemplam nenhuma matéria ou disciplina que fale das questões sociais e étnicas. Com isso, crianças e jovens, principalmente de escolas particulares, onde os estudantes são em sua maioria brancos, crescem e se formam sem nenhum contato com raças e etnias diferentes.

15 As ações ou ações afirmativas, fomentam com que o número de pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas, aumentaram consideravelmente. Isso mostra que, a própria preferência para os indígenas, ainda rejeita sua cultura, salvo em benefício próprio.

Nessa redação, a tese está presente onde, comumente, recomenda-se: no primeiro parágrafo: *Com isso, o racismo no Brasil se tornou um problema educacional e cultural* (l. 04-05). Nesse sentido, verificamos que o(a) aluno(a) partiu do acordo prévio esperado, ampliando suas predicções para educação e cultura.

No primeiro parágrafo do desenvolvimento, iniciado na linha 06, o(a) aluno(a) utiliza o recurso argumentativo do fato (FIORIN, 2016, p. 159), quando cita *No Brasil, as grades curriculares das escolas de ensino fundamental e médio, não contemplam nenhuma matéria ou disciplina que fale das questões sociais e étnicas* (l. 06-08) (sic). A esse fato se sucede um argumento de causalidade, que expõe a causa dos fenômenos abordados, no caso acima, o fato de as grades curriculares das escolas não contemplarem nenhuma disciplina que fale das questões sociais e étnicas gera um efeito: *Com isso, crianças e jovens, principalmente de escolas particulares, onde os estudantes são em sua maioria brancos, crescem e se formam sem nenhum contato com raças e etnias diferentes* (09-12) (sic). Nesse sentido, observando a relação de causalidade realizada, a não contemplação de disciplinas, nas grades curriculares em escolas brasileiras, que falem das questões sociais e étnicas gera a ignorância ao alheio, o que, para o(a) aluno(a), é algo potencializador do racismo no Brasil.

No segundo parágrafo, iniciado na linha 13, há uma constatação vaga (sem comprovação) que revela uma apreciação do(a) autor(a): *As cotas ou ações afirmativas, fizeram com que o número de pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas, aumentasse consideravelmente. Isso mostra que, a própria população negra ou indígena, ainda rejeita sua cultura, salvo em benefício próprio* (l. 13-17) (sic). Nesse sentido, os subentendidos são uma informação cuja atualização depende da situação de comunicação. Nesse contexto, a situação de comunicação estabelecida nessa proposta de redação é a de que o racismo é um problema, deve ser combatido e o aluno precisa discorrer sobre isso, levando em consideração inúmeros percalços que esse tipo de preconceito traz, inclusive a vergonha das pessoas pretas e pardas de assumirem sua própria tonalidade de pele. Assim, em *RI*, temos que a afirmação de que as cotas fizeram com que a quantidade de pretos e pardos assumidos aumentasse se constitui como algo benéfico/positivo para o(a) aluno(a), embora não esteja *posto*, mas *pressuposto* semanticamente.

Por fim, utilizando-se de nossa escala argumentativa, verificamos que o argumento e a estratégia utilizados no primeiro e no segundo parágrafos enquadram-se no nível 2 da escala, uma vez que são fatos e afirmações que carecem de maior embasamento e comprovação por meio de fontes. Não são exemplos vagos nem próprios e muito restritos, mas também não são fatos e/ou dados devidamente comprovados, o que mais aproximaria da objetividade: critério máximo da escala.

4.2 Redação 02 (R2)

FICHA DE REDAÇÃO

Em nossa cultura podemos encontrar muitos casos de piadas racistas, onde podemos observar que isso está presente em nossa sociedade, dessa maneira podemos citar um fato importante que ocorreu no meio futebolístico, que em uma determinada época o time do fluminense, também que seus jogadores negros se pintavam de pó de arroz. O racismo tem proporcionado grandes episódios no meio futebolístico, até que ponto a falta de educação pode chegar.

O racismo no futebol se torna um problema, como quando começa a partir do próprio clube, onde isso se torna de proporção maior e começa a ser praticado pela torcida, que o goleiro do Santos, foi chamado de "macaco", durante uma partida de futebol, quando percebemos que é no passado onde podemos levantar várias conclusões sobre como o brasileiro lida com a questão racial.

O problema do racismo vem primeiro da falta de educação de quem comete os atos, e que impede desse problema ser resolvido muitos dos vezes é a falta de informação de quem pratica.

Quanto a essa redação, inicialmente, conforme os procedimentos de análise, identificamos a tese: *O racismo tem proporcionado grandes episódios no meio futebolístico, até que ponto a falta de educação pode chegar* (l. 05-07) (sic). Pela tese, chegamos à constatação de que o acordo prévio foi parcialmente cumprido, pois o ponto de partida do(a) autor(a) do texto é o de que *o racismo causa problemas no futebol*. Essa especificação não "estava combinada" previamente para que a discussão se iniciasse, além do que *grandes episódios* foi interpretado por nós como sendo *tristes episódios, lamentáveis episódios* ou algo correspondente.

No primeiro parágrafo do desenvolvimento, iniciado na linha 08, há uma afirmação genérica, quando é dito que *O racismo no futebol se torna um problema, quando começa a partir do próprio clube (...)* (l. 08-09) (sic). Essa afirmação genérica tem natureza ampla e será afinada para um argumento por exemplificação pontual, definido como sendo síntese de argumentação paradigmática, e referência a exemplos históricos, ou simplesmente criados, mas mal referenciada: (...), *onde isso se torna de proporção maior e começa a ser praticado pela torcida, que o goleiro do Santos, foi chamado de "macaco", durante uma partida de futebol (...)* (l. 09-11). Esse recurso da exemplificação foi aplicado, porém com lacunas: o caso que se tentou discutir foi o fatídico episódio

envolvendo o então goleiro do Santos Futebol Clube, Aranha, que foi xingado de macaco, pela torcedora do Grêmio Patrícia Moreira, em 28 de agosto de 2014, em uma partida válida pela Copa do Brasil. Após essa tentativa, o(a) aluno(a) tenta introduzir uma relação histórica com o racismo, ao afirmar que (...), *quando percebemos que é no passado onde podemos levantar várias conclusões sobre como o brasileiro lida com a questão racial* (l. 12-13). Inferimos que tentou-se dizer que o problema racial no Brasil não é recente, olhando-se para o passado, há como se explicar o porquê de tantas ocorrências desse crime, no entanto não foi isso que aconteceu.

No segundo parágrafo, iniciado na linha 14, o(a) aluno(a) faz uma relação de causalidade entre racismo e educação: *O problema do racismo vem primeiro da falta de educação de quem comete os atos, o que impede desse problema ser resolvido muitas das vezes é a falta de informação de quem pratica* (l. 14-17). Como visto, para quem escreveu R2, o racismo é causado pela falta de educação, causa que foi, redundantemente, repetida mais abaixo, ao afirmar que o que causa o problema é a falta de informação. O que foi inferido dessa afirmação é que o embaraço da resolução da causa racista no Brasil se dá pela falta de informação (=conhecimento científico) por parte das pessoas que praticam esse ato para que elas entendam que não há supremacia de cor de pele e, conseqüentemente, não haja a prática do racismo.

Quanto à força argumentativa, consideramos que as estratégias e os argumentos de ambos os parágrafos se enquadraram no nível 01 da escala, porque o único exemplo dado foi incompleto e vago e as demais considerações feitas foram vagas, sem maiores contribuições para a tese por ele(a) defendida inicialmente. No início da análise de R2, foi dito que essa redação era problemática, e isso acontece, porque, primeiramente, como visto, o acordo prévio não foi fielmente cumprido e, secundamente, pelo próprio descumprimento do acordo prévio, era provável que o desenvolvimento da redação não fosse de acordo com o próprio tema. A argumentação de R2 defendeu, majoritariamente, o problema do racismo *no futebol*, o que não foi contemplado no tema da proposta e, conseqüentemente, no acordo prévio, portanto, houve o que o ENEM chama de tangenciamento de tema.

4.3 Redação 03 (R3)

FICHA DE REDAÇÃO

O racismo no Brasil tem raízes muito profundas, em uma história e mesmo a prática dentro os negros, visto que o país foi um dos últimos a abolir a escravidão. As políticas de inserção da população negra na sociedade atualmente são muitas, porém a desigualdade no país afeta principalmente os negros sendo consequência do racismo que ainda se encontra no país.

A população brasileira se diz viver em uma "democracia racial" mas a mesma só é vista pela elite branca do país. Com a abolição da escravidão no século XIX, os negros foram libertos dos senhores, mas fora de lá não tiveram nenhum tipo de apoio do governo, nem condições de se inserirem na sociedade. Com isso muitos deles optaram por continuar trabalhando para os senhores dos engenhos em troca de moradia e alimentação. Isso fez com que a sociedade em geral veja a população negra como sendo inferiores a eles.

A abolição da escravidão ainda é recente em nosso país e mesmo assim boa parte dos brasileiros não se consideram racistas. O racismo ainda se faz presente em nossa sociedade, há oportunidades de emprego, há acesso a educação entre outros fatores que uma parte da população se nega a enxergar. A desigualdade afeta os negros porque não se tem tanta oportunidade para que eles não sejam vítimas por esse problema. Essa realidade só é vista pelos negros que sofrem com as consequências disso.

Nessa redação, a tese foi inserida por meio de uma oposição marcada pela conjunção *porém*: *As políticas de inserção da população negra na sociedade atualmente são muitas, porém a desigualdade no país afeta principalmente os negros sendo consequência do racismo que ainda se encontra no país* (sic) (l. 03-05). Em sua tese, o(a) autor(a) de R3 utiliza o que Fiorin (2016) chama de argumento *ad consequentiam*, que é aquele em que se defende uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz (p. 165). Portanto, para o(a) aluno(a) que produziu essa redação, a desigualdade (não se sabe de que natureza) do país é consequência do ainda presente racismo.

O primeiro parágrafo da argumentação, que começa na linha 06, principia-se com uma afirmação genérica que mais parece ter um caráter particular que foi expandido para o todo; é o que Fiorin (2016) denomina de *secundum quid*: *A população brasileira se diz viver em uma "democracia racial", mas a mesma só é vista pela elite branca do país* (sic) (l. 06-07). Quando o(a) autor(a) fala que a população brasileira se diz em uma "democracia racial", é com pouca propriedade que se fala; não se utilizam referências, ou seja, essa afirmação pode ser um ponto de vista idiossincrático que está sendo expandido para o todo, por meio da expressão generalizadora *a população brasileira*, em que o(a)

próprio(a) autor(a) se inclui e ainda inclui o resto da população do nosso país. Nos termos de Fiorin (op. cit): “Perpetra-se esse “erro”, quando de uma proposição singular, aquela que se refere a um único ser, conclui-se uma verdade universal, ou seja, aplicável a todos os seres de um dado conjunto” (p. 213).

Ainda nesse parágrafo, há a utilização do argumento fato, embora não referenciado, o que, também, não é uma exigência pétrea desse gênero: *Com a abolição da escravidão no século XIX, os negros foram libertos das senzalas, mas fora de lá não tiveram nenhum tipo de apoio do governo, nem condições de se inserirem na sociedade* (sic) (l. 07-10). Os fatos (históricos) expostos foram o fim da escravidão no século XIX e a falta de condições do negro na sociedade após este. Passado esse fato, é feita uma relação de causa e efeito entre os fatos anteriormente citados e os posteriores: (...), *com isso muitos deles optaram por continuar trabalhando para os senhores dos engenhos em troca de moradia e alimentação. Isso fez com que a sociedade enxergasse a população negra como sendo inferiores a eles* (sic) (l. 10-13). De acordo com o trecho acima, os fatos *abolição da escravidão no século XIX e falta de apoio do governo aos negros recém-libertos* foram argumentos utilizados como causa para as consequências *optar por trabalhar para os senhores de engenho e a sociedade enxergar os negros como inferiores*, gerando, dessa maneira, o racismo.

No segundo parágrafo, iniciado na linha 14, chama a atenção a relação feita nessa mesma linha: *A abolição da escravidão ainda é recente em nosso país e mesmo assim boa parte dos brasileiros não se consideram racistas* (sic) (l. 14-15). Nessa afirmação, há o que Fiorin (2016) chama de *autofagia* (devorar-se), que é quando um argumento é utilizado de forma errônea e termina contradizendo o que já estava dito, o que, pelas leis da argumentação, é estritamente proibido. Ao afirmar que *a abolição da escravidão é recente em nosso país* e, após afirmar isso, citar que *boa parte dos brasileiros não se considera racista*, a relação esperada não seria a de concessão, como acontece, porque o fato de o fim da escravidão ser recente reforça a possibilidade de as pessoas serem racistas e não do contrário, uma vez que só após o fim desse regime foi que o racismo surgiu, levando em consideração que, durante a vigência da mão de obra escrava no país, não havia racismo por um fato muito óbvio: o negro era “oficial e cientificamente” uma sub-raça, portanto, não havia problema em ter preconceito com eles. . O período escravista no Brasil, até ser abolido pela Lei Áurea, era socialmente oficial: o negro deveria ser escravo e ter um papel subalterno na sociedade. Após a escravidão ser abolida, pelo fato de ter perdurado por séculos no nosso país, o sentimento preconceituoso para com o negro

permaneceu forte na sociedade (e ainda hoje é), uma vez que o que era normal passou a ser proibido. Dessa forma, quanto mais recente era o fenômeno da escravidão “mais normal” seria ser racista. Hoje em dia, 129 anos após a abolição oficial, é, de fato, absurdo ser racista, uma vez que essa visão preconceituosa, há mais de um século, deixou de ser socialmente aceita, prova é tanta que temos o crime de racismo como sendo hediondo, imprescritível e inafiançável em nossa Constituição.

Ainda no segundo parágrafo, chamamos atenção para outra estratégia utilizada. É a petição de princípio, quando o enunciatório considera como prova de sua defesa aquilo que deveria ser provado, é o que acontece com o seguinte trecho: *A desigualdade afeta os negros porque não se tem tantas oportunidades para que eles não sejam atingidos por essa problemática* (sic) (l. 18-20), ou seja, a desigualdade atinge os negros porque eles não conseguem se defender da desigualdade. A justificativa para o argumento utilizado é justamente o que deveria ser provado: por que a desigualdade atinge os negros? Essa resposta extremamente óbvia não leva à construção de uma boa imagem por parte do *páthos* do auditório, em sendo redações do ENEM, os corretores, uma vez que, segundo as normas do debate racional, como pedem os clássicos da retórica, juntamente com os contemporâneos, não se pode dizer que algo é de tal forma porque é.

Por fim, quanto à força argumentativa, podemos avaliar cada argumento como pertencente ao nível 1 da escala argumentativa, uma vez que, majoritariamente, a argumentação foi baseada em afirmações genéricas que chegaram a um alto grau de generalização a ponto de serem consideradas *secundum quid*. Além disso, tivemos a petição de princípio, que contradiz os preceitos da argumentação; e o único fato, que foi histórico, veiculado não estava devidamente comprovado ou minimamente fundamentado.

4.4 Redação 04 (R4)

O racismo no Brasil ainda é foco de muitas polêmicas, pois apesar desse ato já ser considerado crime, ainda existe um grande número de pessoas que o pratica. Problema que vem desde a década da colonização onde as pessoas com pele escuram denominadas escravos.

Na escravidão era bastante comum encontrar proprietários de terras que possuíam seus próprios escravos, que muitas vezes cuidavam de suas terras e ajudavam nas tarefas domésticas, as mulheres escravas eram quase sempre abusada por seus senhores. Logo após veio a época da alforria, onde todo escravo que possuía sua casta era considerado livre, em seguida foi aprovada a lei auréa que apartir dela se deu a liberdade de todos os escravos.

Após a liberdade dos escravos muitos desses ainda encontram e encontram vários dificuldades, apesar de liberdade a sua grande maioria ainda estão em busca a igualdade social, incluindo em conta a quantidade de negres em altos cargos no mercado de trabalho, que não chegam nem a 30% dos cargos.

A tese de R4 encontra-se a partir da linha 03: *Problema que vem desde a década da colonização onde as pessoas com pele escuram [eram] denominados escravos (sic)*. A contextualização do tema, que antecede a tese, ocorre por concessão, uma das estratégias mais utilizadas pelas redações deste corpus: *O racismo no Brasil ainda é foco de muitas polêmicas, pois apesar desse ato já ser considerado crime, ainda existe um grande número de pessoas que o pratica (sic)* (l. 01-03)

No primeiro parágrafo do desenvolvimento, que é iniciado na linha 06, há um relato histórico que age como fato (FIORIN, 2016): *Na escravidão era bastante comum encontrar proprietários de terras que possuíam seus próprios escravos, que muitas vezes cuidava de suas terras e ajudavam nas tarefas domésticas, as mulheres escravas eram quase sempre abusada por seus senhores. Logo após veio a época da alforria, onde todo escravo que possuía sua casta era considerado livre, em seguida foi aprovada a lei auréa que apartir dela se deu a liberdade de todos os escravos (sic)* (l. 06-14). Esse fato foi veiculado na redação com a possível intenção de desenvolver o tópico da introdução em que se afirma que a escravidão vem desde a colonização.

No segundo parágrafo, iniciado na linha 15, há a continuidade do relato e a aplicação, mais uma vez, da relação de concessão: *Após a liberdade dos escravos muitos*

desses ainda encontravam e encontram varias dificuldades, apesar da liberdade a sua grande maioria ainda estão em busca a igualdade social, levando em conta a quantidade de negros em altos cargos no mercado de trabalho, que são poucos, não chega nem a 30% dos cargos (sic) (l. 15-21). A concessão está na oposição entre *escravos libertos* x *encontrar dificuldade e buscar igualdade social*. Esse recurso também deixa claro um subentendido, que é o de que uma vez livre, não deveria haver dificuldades nem desigualdades sociais. Ainda baseado na concessão, o(a) aluno(a) utiliza o recurso da exemplificação para ilustrar a oposição evidenciada: 30% dos cargos dos altos cargos estão de posse dos negros. Esse número, de acordo com o advérbio *apenas* empregado, é pouco, porque, implicitamente, verifica-se que os as demais 70% das vagas estão de posse dos não negros.

Quanto à força argumentativa, pode-se avaliar como nível 2, porque os fatos descritos são verídicos e objetivos, embora não tenham sido referenciados, motivo pelo qual não se chega ao nível 3. Não se enquadra no nível 1, porque o texto tem muito pouco de subjetividade, inclusive menos do que se recomenda, sem presença de relatos pessoais, experiências próprias ou de restrito conhecimento.

4.5 Redação 05 (R5)

FICHA DE REDAÇÃO

A questão racial no Brasil é algo que participa da sociedade desde suas origens, onde os brancos ordenavam e caberia aos negros obedecerem, sendo também negociados como mercaderia. Atualmente, mesmo com leis já sancionadas, e tem da pele ainda causa discriminação.

No Brasil, a participação dos negros em cargos mais elevados era impossível de acontecer. Hoje, depois de muito tempo da abolição da escravidão, é possível que uma pessoa negra, ingresse na universidade por meio de cotas, ou que se tenha uma profissão com maior salários, porém a discriminação por meio de ofensas ou preconceito permanece até os dias atuais. Enquanto a cor da pele influenciar na visão e no conceito da personalidade de alguém, a discriminação permanecerá.

Em R5, a tese é introduzida por meio da relação de concessão, no primeiro parágrafo, nas linhas 04 e 05, como vê-se: *A questão racial no Brasil é algo que participa da sociedade desde suas origens, onde os brancos ordenavam e caberia aos negros*

obedecerem, sendo também negociados como mercadoria. Atualmente, mesmo com leis já sancionadas, o tom da pele ainda causa discriminação (sic) (l. 01-05). A utilização da conjunção *mesmo* faz uma concessão entre as informações *leis já foram sancionadas [considerando crime o preconceito racial]* e *ainda há discriminação com o tom da pele.*

No único parágrafo argumentativo, o(a) autor(a) se detém a fazer uma afirmação genérica de base histórica: *No Brasil, a participação dos negros em cargos mais elevados era impossível de acontecer. Hoje, depois de muito tempo da Abolição da escravidão, é possível que uma pessoa negra ingresse na universidade por meio de cotas, ou que se tenha uma profissão com maior salário, porém a discriminação por meio de ofensas ou preconceito permanece até os dias atuais (sic) (l. 06-12).* Há a citação do período escravista brasileiro, assim como foi feito com a maioria das redações até aqui analisadas, mas a conclusão tomada é fundamentada na noção de lugar-comum que tomamos neste trabalho, o qual pode apresentar-se como uma sentença, que, segundo o Estagirita, revela uma opinião comum, que é evidente, não precisa de provas (FIORIN, 2016, p. 96).

No fim desse parágrafo, há uma curiosa ocorrência de uma “frase feita”: *Enquanto a cor da pele influenciar na visão e no conceito da personalidade de alguém, a discriminação permanecerá. A priori,* essa frase parece ser de autoria do(a) aluno(a), mas ela tem grande influência de uma conhecida frase, também muito difundida pelo cantor e compositor jamaicano Bob Marley, do ex-regente e imperador da Etiópia Haile Selassie, que diz *Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos haverá guerra.*

Em linhas gerais, a redação teve argumentação também nível 2, de acordo com a escala argumentativa, uma vez que o argumento utilizado não foi fundamentado nem muito bem analisado, mas teve cunho histórico e verdadeiro, utilizando-se do recurso de lugar-comum aqui adotado.

4.6 Redação 06 (R6)

FICHA DE REDAÇÃO		5,00
1	"Nunca houve tantos mortos de jovens negros,	
2	como nos últimos anos", diz pesquisadores após	
3	divulgação de dados. Na última pesquisa feita pe-	
4	lo IBGE, constatou-se que para cada um jovem	
5	branco morto, temos quinze jovens negros mortos.	
	Com este dado, podemos perceber que o racismo	
	não é apenas uma questão de preconceito. Mas	
	também os problemas que esse preconceito pode cau-	
10	sar. Como por exemplo, não apenas a exclusão,	
	mas também a morte desses jovens negros.	
	Outro fato, mas esse não foi no Brasil. No	
	discurso de Donald Trump, candidato a presidên-	
	cia dos Estados Unidos, observou-se que no local	
15	só havia um negro e percebeu que ele fazia	
	parte da equipe de limpeza do local.	
	Não podemos esquecer das cotas. Meio criado	
	pelo governo, para tentar se retratar, por todos os anos	
	que os negros sofreram com a escravidão. Apesar de	
20	milhares de pessoas, acharem que as cotas foram implant	
	adas como forma de que não só os negros, como os	
	indígenas, não têm capacidade de entrar numa uni-	
	versidade.	

Em R6, diferentemente das demais redações, até agora, a tese não foi apresentada no primeiro parágrafo. Ela está entre as linhas 06-10: *Com este dado, podemos perceber que o racismo não é apenas uma questão de preconceito. Mas também os problemas que esse preconceito pode causar. Como por exemplo, não apenas a exclusão, mas também a morte desses jovens negros* (sic). Nessa tese, percebe-se que, embora de forma pouco coesa, o(a) autor(a) afirma que o racismo, por si só, não é somente preconceito racial, mas também todas as suas consequências se configuram como problema.

No primeiro parágrafo argumentativo, iniciado na linha 11, utiliza-se um fato não comprovado, mas viável e provável, porém, conforme dito, por causa da falta de organização coesiva, tornou-se uma argumentação inviável. *Outro fato, mas esse não foi no Brasil. No discurso de Donald Trump, candidato a presidência dos Estados Unidos, observou-se que no local só havia um negro e percebeu que ele fazia parte da equipe de limpeza do local* (sic) (l. 11-15). Vejamos que o fato foi apenas “noticiado”, não houve nenhum tipo de análise acerca deste.

No parágrafo seguinte, o(a) autor(a) faz um lembrete de um fato social recorrente em boa parte das redações deste *corpus*: as cotas raciais. *Não podemos esquecer das cotas. Meio criado pelo governo, para tentar se retratar, por todos os anos que os negros*

sofreram com a escravidão. Apesar de milhares de pessoas, acharem que as cotas foram implantadas como forma de que não só os negros, como os indígenas, não têm capacidade de entrar numa universidade (sic) (l. 16-22). Tomando como base a semântica argumentativa de base ducrotiana (CABRAL, 2011), a análise a ser feita nesse parágrafo reside, principalmente, na locução *Apesar de*, que introduz uma concessão. Antes dessa locução, foi afirmado que não se pode esquecer das cotas, que foram criadas pelo governo, para se retratar do tempo de sofrimento passado pelos negros na escravidão, o que, segundo estudos, contribuiu fortemente para o índice de racismo presente na sociedade. No entanto, quando se diz que, apesar disso, ainda há milhares de pessoas contra essa ação, defende-se que a ação das cotas é positiva e, por isso, não deveria haver pessoas que fossem contra. Novamente, a concessão como um dos principais recursos argumentativos utilizados.

Quanto ao nível na escala argumentativa, pela qualidade da argumentação e não somente dos argumentos, R6 se encaixa no nível 1. Essa redação se constitui como um “depósito de argumentos” com pouca defesa efetiva de uma tese, que é, como defende Aristóteles e demais seguidores, o objetivo principal da argumentação.

4.7 Redação 07 (R7)

FICHA DE REDAÇÃO

5 Chamamos de racismo todo e qualquer tipo de manifestação preconceituosa contra um indivíduo que possui a raça ou cor negra. O racismo é um grande problema que a sociedade brasileira enfrenta, e mesmo após tantas conquistas da população negra com relação a obtenção de direitos, os mesmos ainda sofrem esse tipo de violência (verbal ou não verbal) de diferentes formas.

10 Podemos dizer que esse histórico de racismo está presente em nosso meio há anos atrás, quando africanos foram trazidos para cá, no intuito de servir os europeus (brancos), passando a serem escravos e dando início a conhecida escravidão. Passaram-se anos desde o ocorrido, a escravidão já foi abolida, mas muitas pessoas parecem manter a mesma mentalidade que se tinha tempos atrás com relação aos negros. São inúmeros os casos de exclusão social que eles sofrem, a

15 começam da infância, em brincadeiras e até mesmo em salas de aula. No mercado de trabalho muitas deles não tem a oportunidade de emprego e quando tem, a probabilidade de já ter sofrido ou sofrer preconceito por causa da sua cor é alta.

20

Em R7, a tese é introduzida por meio do recurso argumentativo da definição, que, segundo Aristóteles *apud* Fiorin (2016), consiste em declarar a essência de alguma coisa. Nesse sentido: *Chamamos de racismo todo e qualquer tipo de manifestação preconceituosa contra um indivíduo que possui a raça ou cor negra* (sic) (l. 01-02). Como visto, a tese é antecipada pela definição de racismo por parte do(a) autor(a) do texto. Em seguida, vem a tese: *O racismo é um grande problema que a sociedade brasileira enfrenta, e mesmo após tantas conquistas da população negra com relação a obtenção de direitos, os mesmos ainda sofrem esse tipo de violência (verbal ou não verbal) de diferentes formas*. Na tese, foi, novamente, utilizado o recurso da concessão em *mesmo após tantas conquistas*. O acordo prévio também foi obedecido: o racismo foi considerado um problema.

O único parágrafo argumentativo, iniciado na linha 07, cita um fato histórico muito recorrente nas produções para se tirar um argumento *ad consequentiam* e um subentendido. *Podemos dizer que esse histórico de racismo está presente em nosso meio há anos atrás, quando africanos foram trazidos para cá, no intuito de servirem os europeus (brancos), passando a serem escravos e dando início a conhecida escravidão. Passaram-se anos desde o ocorrido, a escravidão já foi abolida, mas muitas pessoas parecem manter a mesma mentalidade que se tinha tempos atrás com relação aos negros* (sic) (l. 07-13). O fato histórico retomado é a escravidão e a consequência atribuída à escravidão foi o fato de “muitas pessoas parecem manter a mesma mentalidade [preconceituosa]”. Esse fato, por meio da locução verbal *parecem manter*, ganha uma conotação negativa, o que só é permitido através da análise do que é posto, gerando um subentendido. Após essa parte, o(a) autor(a) faz uma exemplificação genérica, ao afirmar que *São inúmeros os casos de exclusão social que eles sofrem, a começar da infância, em brincadeiras e até mesmo em salas de aula*, referindo-se ao que o negro passa com as demonstrações de racismo por parte da sociedade.

Quanto à escala argumentativa, por fazer alusão histórica a um fato provável e relacioná-lo de alguma forma, no caso, pela relação de consequência e deixando um subentendido, a argumentação de R7 enquadra-se no nível 02.

4.8 Redação 08 (R8)

FICHA DE REDAÇÃO

O modelo de civilização pregado pela Europa durante a Idade Média, fez surgir no mundo o sentimento de superioridade dos brancos, justificando assim a escravidão e submissão africanas. Neste contexto, o racismo presente no Brasil é uma resultante da falta de políticas sociais aos escravos após 13 de maio de 1888 e da marginalização dos negros na sociedade, com isso deve haver intensificação dos programas de inclusão e igualdade racial.

Após mais de 300 anos de escravidão negra, a Lei Áurea libertou das correntes milhares de escravos, no entanto, não houve qualquer tentativa de inclusão destes na sociedade, persistindo a imagem de que não eram cidadãos. Muitos deles, ao deixar as fazendas, foram obrigados a se obrigarem em cortiços ou moinhos, formando as primeiras favelas, algo que justifica o porquê da maioria dos habitantes das periferias serem afro-descendentes.

Essa situação se perpetuou ao longo das gerações, pois sem perspectivas, muitos negros ingressavam em empregos de baixa remuneração ou em crimes de criminalidade, gerando um ciclo vicioso de preconceito e um determinismo de que sempre serão pobres ou bandidos. Esta situação começou a mudar a partir de políticas compensatórias, como as cotas, porém o racismo persiste que o negro ainda não alcançou seu lugar de direito na população brasileira.

Quanto a R8, podemos destacar sua tese, que se encontra nas linhas 04-08, que diz: *Neste contexto, o racismo presente no Brasil é uma resultante da falta de políticas sociais aos escravos após 13 de maio de 1888 e da marginalização dos negros na sociedade, com isso deve haver intensificação dos programas de inclusão e igualdade social (sic).*

O primeiro parágrafo da argumentação, iniciado na linha 09, é o desenvolvimento da primeira causa para o racismo atribuída na tese. Nesse parágrafo, o(a) autor(a) utiliza-se do argumento tipo fato, no caso, o histórico, para ilustrar sua ideia: *Após mais de 300 anos de escravidão negra, a Lei Áurea libertou das correntes milhares de escravos, (...).* Nesse sentido, após o uso do argumento fato histórico relativo à libertação dos escravos, por meio da Lei Áurea, o(a) autor(a) faz uma oposição para incluir outro argumento: o *ad consequentiam*: *(...) no entanto, não houve qualquer tentativa de inclusão destes na sociedade, persistindo a imagem de que não eram cidadãos. Muitos deles, ao deixar as*

grandes fazendas, foram obrigados a se abrigar em cortiços ou morros, formando as primeiras favelas, algo que justifica o porquê da maioria dos habitantes das periferias serem afro-descendentes (sic). Como visto, segundo R8, o fato histórico Lei Áurea, uma vez mal aplicada, gerou consequências negativas para a sociedade como a discriminação para com o negro e a favelização.

No segundo parágrafo argumentativo dessa redação, iniciado na linha 15, há mais desdobramentos, ou seja, mais argumentos *ad consequentiam*, do fato anteriormente citado, quando se diz: *Essa situação se perpetuou ao longo das gerações, pois sem perspectivas, muitos negros ingressaram em empregos de baixa remuneração ou em ramos da criminalidade, gerando um ciclo vicioso de preconceito e um determinismo de que sempre serão pobres ou bandidos*.

Por fim, há, mais uma vez, uma das estratégias argumentativas mais utilizadas pelo(a)s aluno(a)s que produziram essas redações: o subentendido de valorização da política de cotas raciais. Vejamos: *Esta visão começou a mudar a partir de políticas compensatórias, como as cotas, porém o racismo revela que o negro ainda não alcançou seu lugar de direito na população brasileira* (sic). Se admitirmos que toda a situação anterior à expressão *Esta visão começou a mudar a partir de políticas compensatórias, como as cotas*, é negativa e é um problema, com a mudança da sua situação, conclui-se que o que propiciou essa mudança é bom. Nesse sentido, subentendidamente, as cotas são boas.

Quanto ao nível de R8 na escala argumentativa, pela configuração de sua argumentação, com um fato histórico, que foi a Lei Áurea, inclusive datada corretamente (1888), e a adoção da estratégia *ad consequentiam*, que reforça a importante relação *causa-efeito*, a qual, para um(a) aluno(a) de EM, e principalmente bem realizada como foi nessa redação, é algo muito proveitoso, configura-se como nível 3.

4.9 Redação 09 (R9)

FICHA DE REDAÇÃO

A relação de poder enraizada no antigo regime escravista brasileiro baseia-se principalmente na dominação tradicional de Karl Marx, ou seja, aquela fundamentada na cultura de um povo. Expondo dessa maneira o caráter cultural contido no preconceito racial exercido por grande parte da população, que necessita ser transformada através da educação e da sensibilização, com o intuito de erradicar o racismo no país.

Segundo o fundador da psicanálise Sigmund Freud, é no período da primeira infância que são absorvidas as características morais quando incentivadas. De modo que ao observarmos alguns comportamentos percebemos o racista neles contido, do mesmo modo em certas ações, bater como forma de castigo ou dizer que uma tarefa mal executada é serviço de negro explicita bem esse fato. Por esse motivo devemos atentar para o que as crianças aprendem, devemos incentivá-las a serem respeitadas e tolerantes, bem como extinguir de suas falas expressões racistas.

Apesar disso existem ainda aqueles que não reconhecem as mudanças deixadas pela escravidão como por exemplo a exclusão do negro do meio educacional e ainda condenam as medidas de reintegração chamadas de cotas. Por desconhecimento não entendem que problemas como esse requerem soluções graduais, a lei Eusebio de Queiroz precedeu em alguns anos a abolição completa do regime escravista trazida pela Lei Áurea, sendo que a primeira lei apenas proibia o tráfico negreiro no Atlântico.

Em R9, a tese apresenta-se nas linhas 03-06, no entanto, há de se considerar todo o primeiro parágrafo para o total entendimento daquela: *A relação de poder enraizada no antigo regime escravista brasileiro baseia-se principalmente na dominação tradicional de Karl Marx, ou seja, aquela fundamentada na cultura de um povo. Expondo dessa maneira o caráter cultural contido no preconceito racial exercido por grande parte da população, que necessita ser transformada através da educação e da sensibilização, com o intuito de erradicar o racismo no país.*

No primeiro parágrafo do desenvolvimento, o(a) autor(a) utiliza um argumento até agora não utilizado e que, segundo Fiorin (2016) é o “argumento em que se apela para a modéstia, para o respeito, para a reverência (p. 176), a saber, argumento de autoridade ou *ad verecundiam*. Vejamos: *Segundo o fundador da psicanálise Sigmund Freud, é no período da primeira infância que são absorvidas as características morais quando incentivadas.* Foi utilizado o “pai da psicanálise” para se iniciar a argumentação nesse

parágrafo, baseado em suas obras, em seu respeito na comunidade científica e na sua história como estudioso do subconsciente humano. Após isso, inicia-se uma exemplificação baseada ainda no mesmo argumento: *De modo que ao observarmos dizeres corriqueiros percebemos o teor racista neles contidos do mesmo modo em certas ações, bater como forma de castigo ou dizer que uma tarefa mal executada é serviço de negro explicita bem esse fato.* A associação feita entre o argumento de autoridade e a exemplificação fica muito clara quando o(a) autor(a) transparece que as exemplificações são dadas justamente na primeira infância, de que fala Freud, e que são absorvidas dado o período de pouca maturidade, colaborando para a alimentação do racismo.

O segundo parágrafo é iniciado com um dos recursos argumentativos mais utilizados: a concessão. *Apesar disso existem ainda aqueles que não reconhecem as mazelas deixadas pela escravidão como por exemplo a exclusão do negro do meio educacional e ainda condenam as medidas de reinserção chamadas de cotas (sic) (l. 15-17).* Nesse trecho, além da concessão já dita, há uma exemplificação, citando a exclusão do negro do meio educacional, e o subentendido de apoio às cotas, quando se afirma que ainda há quem não reconheça, ou seja, as cotas são benéficas.

Quanto ao nível argumentativo, *R9* se assemelha com *R8*, no sentido de que utilizaram de argumentos fortes, no caso daquela redação, o de autoridade e, no caso desta, o fato histórico. Além disso, a relação entre o argumento e seus desdobramentos, o que o ENEM chama de autoria, foi, também, bem executado, não havendo divagações, tangenciamento, afirmações genéricas, pessoais e restritas. Portanto, nível 3.

4.10 Redação 10 (R10)

FICHA DE REDAÇÃO

5 Pretos, pardos, amarelos e indígenas, o Brasil é um país muito miscigenado, mas ainda a pluralidade de raças, culturas e etnias é constantemente presente em nossa sociedade. Apesar disso, o racismo, enraizado historicamente em nossa cultura, ainda é um grande problema no

10 nosso cotidiano, causando, assim, o escanteamento social dos brasileiros pertencentes às raças distintas aos brancos. Em retomada ao tópico anterior, temos que os problemas de questão racial, no Brasil, surgiram e se fixaram devido às questões históricas, tendo em vista que, por exemplo, a escravidão africana perdurou durante 300 anos em nosso país e, após o seu término, os negros eram tratados com desprezo e acabaram por serem marginalizados à sociedade, determinando-se, então, uma exclusão social causada por discriminação racial, originando as favelas (locais periféricos sem nenhuma estrutura, onde seus moradores, em sua maioria, são associados à favelados por serem negros e pobres).

15 Outra questão não são as piadas. Peguemos com o trocadilho com o intuito de serem cômicos, sendo, no entanto, usados para demonstrar os problemas de uma sociedade, já que a maioria dos termos preparatórios não se referem às citações ou piadas, tendo um ^{piadas de} sentido como um valor muito frequente entre os brasileiros.

Em R10, temos outra redação cujo nível se assemelha às R9 e R8. A redação acima tem por tese as linhas 04-06, que dizem: *Apesar disso [de o Brasil ser miscigenado], o racismo enraizado historicamente em nossa cultura, ainda é um grande problema no nosso cotidiano, causando, assim, o escanteamento social dos brasileiros pertencentes a raças distintas aos brancos.* Novamente, o recurso da concessão sendo utilizado para introduzir a tese a ser defendida por meio das estratégias retóricas.

No primeiro parágrafo argumentativo, iniciado na linha 07, o(a) autor(a) lança mão do argumento do fato, que também é histórico, para fazer, novamente, o *ad consequentiam*, ou seja, a relação de causa e efeito: *Em retomada ao tópico anterior, temos que os problemas de questão racial, no Brasil, surgiram e se fixaram devido às questões históricas, tendo em vista que, por exemplo, a escravidão africana perdurou durante 300 anos em nosso país e, após o seu término os negros eram tratados com desprezo e acabaram por serem marginalizados à sociedade, determinando-se, então, uma exclusão social causada por discriminação racial originando as favelas (locais*

periféricos sem nenhuma estrutura, onde seus moradores, em sua maioria, são associados a bandidos por serem negros e pobres (sic) (l. 07-15). A relação feita em *R10* foi a mesma feita em *R8*: atribuir a situação de discriminação racial do Brasil ao processo histórico da escravidão, passando pela não inserção do negro na sociedade até o processo de favelização. Mais uma vez, a relação causa e efeito, por meio do argumento *ad consequentiam*, quando se mostra uma provável causa para a tese defendida cujo argumento que a sustenta é de base histórica.

No segundo parágrafo, iniciado na linha 16, o(a) autor(a) utiliza do recurso exemplificação para expandir o tópico já discutido no parágrafo anterior: *Outra questão são as piadas. Pequenas com ou trocadilhos com o intuito de serem cômicos, sendo, no entanto, essenciais para demonstrar os problemas de uma sociedade, já que abordam termos pejorativos ao se referirem a certas coisas ou pessoas, tendo em si as piadas de racismo como algo muito frequente entre os brasileiros* (sic) (l. 16-21). O exemplo de propagação do racismo dado por *R10* foi com o que se chama de “piada” ou “anedota”; da mesma forma, foi feito em *R9* só que com as expressões de cunho pejorativo para as crianças na primeira infância, como “serviço de negro”, etc.

Quanto ao nível argumentativo, *R10* desenvolve-se com argumentos fortes, de cunho histórico, com fatos, relações de causa e efeito com argumento *ad consequentiam*. No entanto, diferentemente das duas redações anteriores, não articula bem, principalmente o segundo parágrafo. Todavia, tal forma de articulação não é responsável por tirar *R10* do nível 3 da escala argumentativa.

4.11 Redação 11 (R11)

FICHA DE REDAÇÃO

5 O preconceito racial aqui no Brasil mesmo tendo diminuído ao passar do tempo ele ainda é muito presente em nossa sociedade onde todo dia podemos ver esse tipo de preconceito principalmente nas redes sociais.

10 O racismo ainda é um problema em nossa sociedade pois o negro ainda é mal visto por algumas pessoas. Um exemplo tem alguém andando na rua com seu celular na mão ai ver uma pessoa do outro lado da rua se essa pessoa for branca a outra pessoa ira continuar com seu celular na mão
15 Mas se a pessoa for negra na maioria das vezes a outra pessoa ira guardar o seu celular, isso porque o negro ainda é visto por algumas pessoas como ladrão, esse preconceito existe também se você está andando na rua a noite se você for negro e passar um policial na maioria das vezes você sera resistido se você for branco se chama discriminação de cor, se resistido.

Em R11, temos uma situação praticamente oposta ao que estava sendo analisado anteriormente. Sua tese, que se localiza no parágrafo 1 inteiramente, ocorre por meio de uma concessão: *O preconceito racial aqui no Brasil Mesmo tendo diminuído ao passar do tempo ele ainda é Muito presente em nossa sociedade onde todo dia podemos ver esse tipo de preconceito principalmente nas redes sociais.* O(a) autor(a) afirma, sem nenhum fundamento, que o preconceito racial diminuiu com o passar do tempo, mas ainda se faz presente “todo dia”.

No primeiro parágrafo da argumentação, iniciado na linha 08, o(a) autor(a) de R11 vai lançar mão de uma exemplificação própria e a coloca em um lugar comum: *O racismo ainda é um problema em nossa sociedade pois o negro ainda é mal visto por algumas pessoas. Um exemplo tem alguém andando na rua com seu celular na mão ai ver uma pessoa do outro lado da rua se essa pessoa for branca a outra pessoa ira continuar com*

seu celular na Mão, mas se a pessoa for negra na maioria das vezes a outra pessoa ira guarda o seu celular (sic) (l. 08-17). Nessa argumentação, verificamos que tenta-se estabelecer um raciocínio dedutivo baseado no silogismo aristotélico *se X, então Y, mas, se Z então W*. Nesse caso, se uma pessoa cruzar, com o celular na mão, com outra na rua e esta for branca, a pessoa não guarda o telefone e age normalmente. Entretanto, se a pessoa com quem se cruza for negra, o dono do celular irá guardá-lo. As escolhas linguísticas em *R11* permitem-nos afirmar que o(a) autor(a) dessa redação tornou uma causa provável em uma causa necessária, ou seja, sempre que houver essa situação, o que irá acontecer será isso.

No mesmo parágrafo, uma vez que é único da argumentação, o(a) autor(a) justifica a analogia dedutiva feita anteriormente, afirmando: *isso porque o negro ainda é visto por algumas pessoas como ladrão*, (sic) (l. 17-18). Em seguida, faz, novamente, o mesmo processo de raciocínio dedutivo com uma situação hipotética e provável: *esse preconceito ocorre também se você esta andando na rua a noite se você for negro se passar um policial na maioria das vezes você sera revistado se você for branco a chances diminuem de você ser revistado* (idem) (l. 19-23). A diferença do parágrafo anterior para o primeiro é que, linguisticamente, o(a) autor(a) não se compromete tanto, utilizando expressões como “na maioria das vezes” e “as chances diminuem”, o que não ocorre no primeiro, dando um caráter de maior certeza sobre o que se fala.

Quanto ao nível argumentativo dessa redação, baseado nos critérios da escala argumentativa, verificamos que a argumentação se baseou em uma exemplificação banal e própria cujas objetividade e veracidade foram elevadas ao patamar de reais, pela relação lógica feita entre o fato de uma pessoa branca ou negra cruzar com outra que está com o celular na mão e esta guardar ou não o celular. O mesmo acontece com o argumento do segundo parágrafo, que, ainda que modalizadamente, segue a mesma linha argumentativa. Pelos escrito supracitados, nível 1.

4.12 Redação 12 (R12)

FICHA DE REDAÇÃO

História Brasil tinha escravidão os negros trabalhavam muito e sem comidas, eles passavam fome por isso viviam 10 anos e morriam, desde sociedade antiga que acontece desigualdade as pessoas negras sofrem por isso preconceito forte, o mesmo falta de consciência muito fechada e o preconceito das brancas não as negras inferior.

Atualmente ainda acontece vários preconceito de pessoas negras, exemplo: o facebook um pessoa postou um vídeo que a mulher chamou homem de negro, ela pegou ele jogou dentro no fogão tipo lavar da roupa, depois quando mudar o homem branco, a empresa pensa que preda mas um negro sentir que tem preconceito, e social prevarcar para negro. Também as escolas dentro algumas chamam que macaco e preto, faltam famílias e escolas conselhas e respeito para humanos igualdade, outro fato, a mulher trabalha da jornal apresentando o clima, homem chamou que macaca ela, crime o homem preconceito forte, faltou respeito, mas ela apesar verdade continuar trabalha dela.

Tem muito para vencer acredita possível ideologia negra, mas aqui já tem lei no Brasil, mas ainda assim continua a sociedade e não respeito direitos humanos.

Deixamos R12 como sendo a última redação do corpus a ser analisada por fatores bem peculiares. Ela é uma redação produzida por um(a) aluno(a) surdo(a), que já tentou, em sua fase mais inicial da vida, ser oralizado(a), mas, após a família aceitar a situação, fez com que aprendesse a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Devido ao fato de que os surdos nunca escutaram, elas não desenvolvem a habilidade da escrita semelhantemente à de um ouvinte, embora haja surdos que escrevam assim como os ouvintes, no entanto, essa capacidade só é desenvolvida caso o surdo entre em contato com Libras desde sua idade mais tenra, para, futuramente, atingir um maior grau de maturidade e passar a lidar com a escrita e a leitura dos ouvintes.

Como observado em R12, essa não é a sua realidade. Entretanto, essa redação não chega ao grau de ininteligibilidade, ou seja, não é uma redação que não se pode entender, pelo contrário, estão bem delimitadas todas as partes (introdução, desenvolvimento/argumentação e conclusão, a qual não consta na imagem acima) que constituem o gênero dissertativo-argumentativo do ENEM.

Nesse sentido, vamos à tese de R12: *História Brasil tinha escravidão os negros trabalham muito e sem comidas, eles passavam fome por isso viviam 10 anos e morriam, desde sociedade antiga que acontece desigualdade as pessoas negras sofrem por isso*

preconceito forte, o mesmo falta de consciencia mente fechada e o conceito dos brancos ver os negros inferior. Como percebemos, o(a) autor(a) também estabelece a relação entre a escravidão e a perpetuação do racismo no nosso país, atribuindo outras causas ao problema, como “mente fechada” e o conceito de brancos serem superior aos negros.

No único parágrafo argumentativo de *R12*, há a presença de dois fatos que, até agora, não surgiram em nenhuma outra redação do *corpus* analisada neste trabalho. Quanto ao primeiro: *Atualmente ainda acontece varios preconceito de pessoas negras, exemplo: o facebook um pessoa postou um o vídeo que a mulher chamou homem de negro, ela pegou ele jogou dentro maquina tipo lavar da roupa, depois aparece mudar o homem branco (...)* (sic) (l. 06-09). O(a) autor(a) se referiu a uma famosa ¹²vídeo-propaganda de um detergente chinês, que, inclusive, foi considerada a propaganda mais racista da história, tanto que a diretoria do detergente teve de pedir desculpas publicamente por meio de nota, devido à grande e má repercussão que isso causou.

Quanto ao segundo fato: *(...) outro fato, a mulher trabalha da jornal apresentando o clima, homem chamou que macaca ela, crimo o homem preconceito forte, faltou respeito, mas ela esforça verdade continuar trabalha dela tem sonho para vencer acredita possivel ideologia negra, então aqui já tem lei no Brasil, mas ainda assim continua a sociedade a não respeito direitos humanos.* O segundo fato, mais conhecido aqui no Brasil, foi com relação às injúrias proferidas contra a apresentadora das características climáticas do Jornal Nacional, Maria Júlia Coutinho, conhecida por Maju Coutinho, que sofreu racismo por meio de redes sociais. Para finalizar o parágrafo, o(a) autor(a) se utiliza, novamente, da concessão, ao afirmar que, no Brasil, há leis, *mas ainda assim* continua a falta de respeito para com os negros.

No que diz respeito ao nível argumentativo, analisando *R12* dentro de sua peculiaridade de ser produzida por um(a) surdo(a), pela força dos argumentos utilizados (ambos fatos reais), embora não referenciados e bem concatenados, podemos atribuir nível 3. A redação não constou de argumentação vaga ou falsa; seguiu uma sequência lógica de exposição e de defesa, permitindo, com poucas dificuldades, o entendimento do texto e, principalmente, da defesa de sua tese.

Neste tópico, analisamos as redações do *corpus* desta pesquisa, que, em geral, se utilizaram de estratégias argumentativas e argumentos semelhantes, com algumas exceções. Sobre a recorrência dessas estratégias e desses argumentos é que o próximo

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y7m3yrCqZqI&feature=youtu.be>>

tópico irá tratar, ilustrando, com gráficos, quais os argumentos e recursos argumentativos propostos por Aristóteles (2005) e resenhados por Fiorin (2016) foram mais utilizados.

4.13 Gráficos de recorrência de estratégias argumentativas/ tipos de argumentos e níveis argumentativos

Estes gráficos irão sintetizar numericamente as principais ocorrências das estratégias argumentativas e dos tipos de argumentos (FIORIN, 2016) mais utilizados pelas 12 redações do *corpus* de análise desta monografia, bem como os níveis argumentativos à luz da escala argumentativa por nós construída.

Para facilitar a interpretação dos gráficos, é importante considerar que cada ocorrência dos argumentos/ estratégias argumentativas, mesmo que utilizada mais de uma vez em uma redação, só será contabilizada uma única vez.

4.13.1 Gráfico de recorrência de estratégias argumentativas/ tipos de argumentos

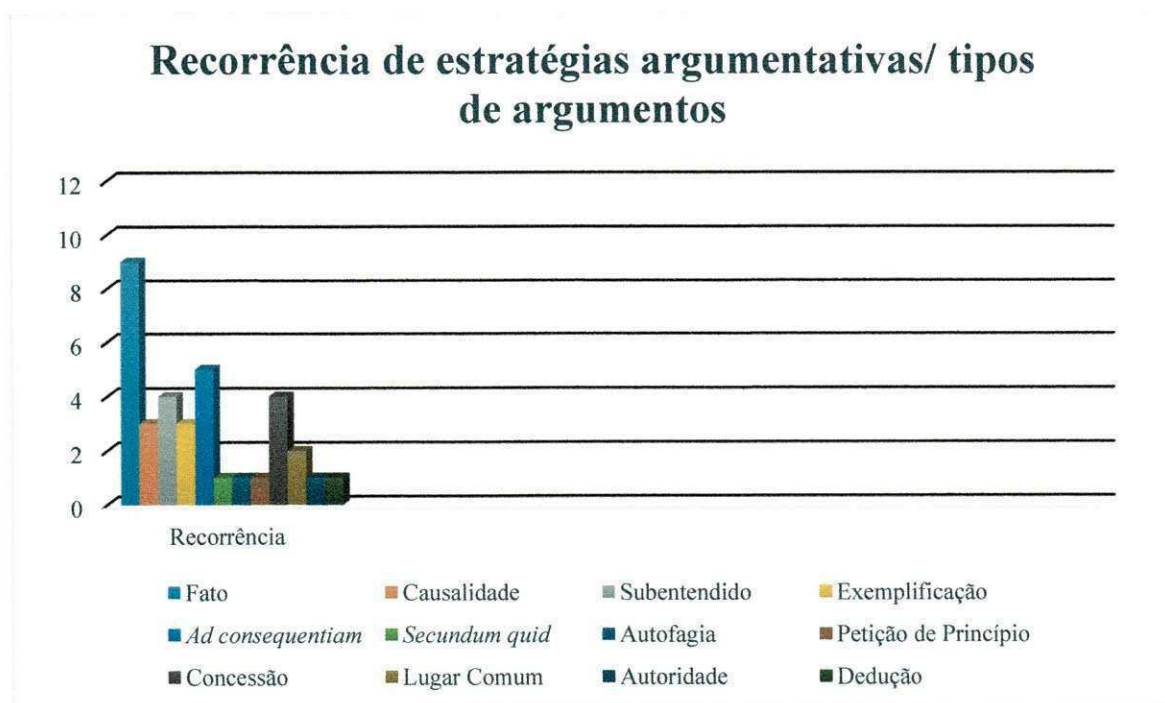


Gráfico 1 – Recorrência de estratégias argumentativas/ tipos de argumentos

Sinteticamente, o Gráfico 1 ilustra o que foi analisado no início deste tópico: a dissertação argumentativa estilo ENEM é um gênero analítico-opinativo cujo tema, especialmente nesse certamente, é de cunho social. Nesse sentido, quanto mais real for a

argumentação do candidato, mais ele irá se aproximar da perspectiva da prova e, além disso, os argumentos do real (FIORIN, 2016) são aqueles com maior probabilidade de serem provados dada sua objetividade, que é, por sua vez, o critério de enquadramento das argumentações na escala de força argumentativa.

Portanto, se os argumentos mais reais são os mais viáveis para esse tipo de proposta, o gráfico acima demonstra que, das 12 (doze) redações do *corpus*, 9 (nove) utilizaram-se do fato (histórico ou social) como principal tipo de argumento do seu desenvolvimento. É importante considerar que a argumentação histórica é cara ao tema do racismo, uma vez que o fato motivador de todas as questões raciais no Brasil foi a escravidão, um fato histórico.

O que foi feito com esse(s) fato(s) está traduzido nos dois próximos números: *ad consequentiam*, com 5 (cinco) ocorrências, e causalidade, com 3 (três), foram duas das três estratégias mais utilizadas, uma vez que, como já dito, os argumentos, por si sós, nada dizem: o que se faz com o argumento é o que o torna útil. Nesse sentido, a utilização de um fato, relacionando-o de forma a observar suas causas e consequências, além de tentar explicar, por meio desse fato, relações posteriores foi a estratégia mais utilizada dentre as redações (8 de 9).

As ocorrências menores, como autofagia, *secundum quid*, petição de princípio e lugar-comum, todas com 1 (uma) ocorrência, foram exceções nas redações, mas ainda demonstram certa fragilidade argumentativa do(a) aluno(a) que as utilizou, uma vez que esses recursos são “antiargumentativos”, ou seja, caminham na contramão do processo natural da argumentação, que é a defesa da uma tese com argumentos que a fortaleçam e não que a refutem.

4.13.2 Gráfico de níveis argumentativos

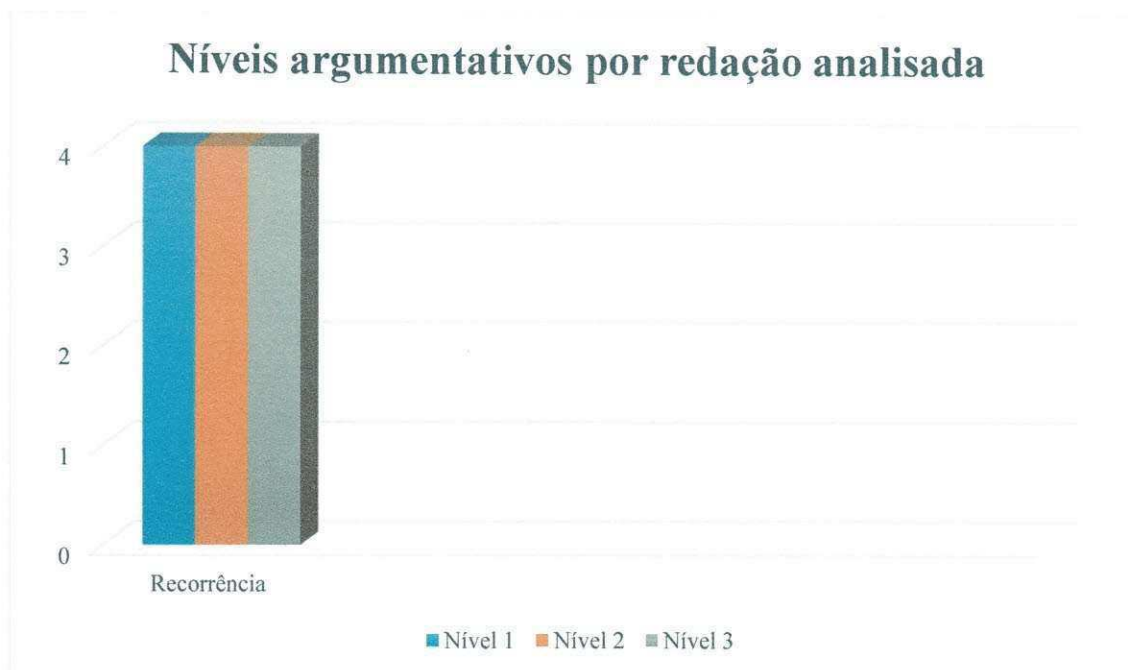


Gráfico 2 – Níveis argumentativos por redação analisada.

Quanto ao Gráfico 2, verificamos uma situação parelha: o número de redações que recebeu cada nível foi o mesmo, 4 (quatro) redações para cada nível. Esses números nos mostram que, relativamente às redações analisadas, há um equilíbrio no nível argumentativo dos alunos, o que, para uma escola pública, mostra-se satisfatório.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a pergunta de pesquisa e os seus objetivos, a saber: *Como alunos do 3º ano do EM argumentam em dissertações argumentativas nos moldes do ENEM?* E como objetivo geral, a pesquisa pretendeu analisar como alunos da 3ª série do EM argumentam em dissertações argumentativas nos moldes do ENEM; e, como objetivos específicos, pretendeu *a)* identificar a(s) estratégia(s) argumentativa(s); *b)* descrever os tipos de argumentos utilizados na constituição da argumentação; e *c)* verificar a força dos argumentos, cabe-nos fazer algumas considerações finais sobre este trabalho monográfico.

Inicialmente, para o objetivo *(a)*, de acordo com o primeiro gráfico (tópico 3.6.1), as estratégias argumentativas mais utilizadas foram *ad consequentiam* e causalidade. Esse foi outro ponto para a produção desses alunos, uma vez que o argumento não basta ser nível 3, ou com grande correspondência com a realidade, ser um fato histórico de conhecimento internacional: é preciso relacioná-lo, de alguma forma, com a tese a ser defendida, até porque a argumentação nada mais é que a defesa, por meio de argumentos prováveis ou reais/lógicos, de uma tese. Nesse sentido, os autores das redações deste *corpus* atribuíram como consequência do período escravista o preconceito ainda vigente; atribuíram a “culpa” do racismo existir, também, na falta de conhecimento da população de que não há raça superior; e relacionaram os grandes aglomerados de casebres em morros espalhados pelo Brasil inteiro ao processo de favelização iniciado pelos negros, ao saírem das senzalas, no pós Lei Áurea, sem nenhum tipo de apoio.

Para o objetivo *(b)*, cabe salientar o que o primeiro gráfico (ver tópico 4.13.1) sintetizou o que toda a análise demonstrou que o argumento mais utilizado pelos alunos foi o fato: argumento que relata um acontecimento do mundo real. O uso maciço desse argumento aponta para a consciência que os alunos tiveram de que a dissertação argumentativa nos moldes do ENEM, sendo um gênero analítico, cujos temas possuem um cunho social, demanda uma argumentação real e exemplificada, conforme aconteceu na maioria das redações. Portanto, partindo do posto de que o tema era *Racismo no Brasil: problemas e perspectivas*, os alunos utilizaram vários fatos históricos, dentre eles, o período escravista no Brasil, a Lei Áurea, a política de cotas raciais, os altos índices de negros à margem da sociedade, envolvidos com drogas, violência, desemprego, não acesso à universidade, dentre outros.

Quanto ao objetivo *c*), possibilitado pela escala argumentativa, verificamos que a força dos argumentos se distribuem em 3 (três) níveis aos quais 4 (quatro) redações foram atribuídas. A esse parelramento atribui-se a distribuição das dificuldades dos alunos, uma vez que houve um mesmo número de redações para cada nível de dificuldade, revelando que estes estão em um nível mediano de domínio desse gênero, particularmente para a exigência do maior exame vestibular do Brasil, que é o ENEM.

Por fim, cabe salientar que a relevância deste trabalho se dá, principalmente, pelas contribuições para o ensino de produção de textos voltado para o ENEM no Brasil. Nesse sentido, o trabalho com a perspectiva das teorias da argumentação, sobretudo com a Retórica Clássica e com a *ADL*, dado o contexto da dificuldade manifestada de o candidato argumentar consistente e coerentemente, possibilita ao professor ter uma sólida base teórica sobre o recém-chegado objeto de estudo dissertação argumentativa do ENEM e, conseqüentemente, discutir com seus alunos as verdadeiras possibilidades de argumentação linear e coerente, como pregam as teorias da argumentação. Mais que isso, esse trabalho incentiva o professor de língua a conhecer mais profundamente a escrita do maior motivo da maioria das pesquisas aplicadas em linguística: o aluno.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Antônia Dilamar. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. In: BIASI-RODRIGUES, Bernadete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro C. T. de. (Orgs.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2ª ed. revista. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Portugal. 2005.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC) e ;EDUCACIONAIS, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep); BÁSICA, Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb). *A redação no ENEM 2013: Guia do participante*. Brasília: 2013. Disponível em :<<http://enem.inep.gov.br/>>. Acesso em 11/10/2016

BAKTHIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas de edição de Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34. 1ª ed. p. 12.
BRITTO, Luiz Percival Leme. *Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento*. In: Calidoscópio. Caxias do Sul: Unisinos, 20017, vol. 5, n. 1.

BRONCKART, J-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: educ, 1999, capítulos 3 e 6.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 09-44.

COUTINHO, M. Antónia. *Texto(s) e competência textual*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003, capítulos 3 e III.1.

CRUZ, S; ARAÚJO, D. *Um novo uso para a 'antiga' dissertação: caracterização da proposta de redação do ENEM, à luz da sociorretórica*. Dissertação de Mestrado. POS-LE, UFCG: 2013.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2016.

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã educação para e pela cidadania*. Centro de Referência Paulo Freire/ Acervo Paulo Freire. 2009.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1981, cap. IV.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, Escrita e Poder* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à Pesquisa Científica*. Campinas: Editora Alínea, 2001.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair e MOTTA-MACEDO, Lino de. Situação-problema: forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. In: PERRENOUD, Phillipe.

et al. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de Texto: O que é e como se faz?* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

MIRANDA, Florencia. *Textos e gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da Intertextualização*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010, capítulo II.1.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SEVERO, Diego L.; REINALDO, M. A. G. de M. *Texto dissertativo-argumentativo de alunos do Ensino Médio: a organização retórica da conclusão*. Monografia de conclusão de curso. UAL/UFCG: 2014.

SWALES, John M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 1990.

Lista de adesão de universidades públicas e institutos federais ao ENEM (disponível em: <<http://vestibular.brasilecola.com/enem/lista-adesao-enem.htm>> Acesso em: 11/10/2016)

Matriz de Referência do ENEM (disponível em: <<http://www3.ceps.ufpa.br/daves/PS%202014/matriz%20enem-2013.pdf>> Acesso em: 11/10/2016)

7 ANEXOS¹³

7.1 Digitalização das redações coletadas

FICHA DE REDAÇÃO

O racismo no Brasil tem raízes históricas antigas. Foi um dos últimos países do mundo a obter a independência, e seus tentativos de imersão no negro na sociedade foram tardios. Com isso, o racismo no Brasil se tornou um problema educacional e cultural.

No Brasil, os pontos curriculares dos escalos de ensino fundamental e médio, não contemplam nenhuma matéria ou disciplina que fale dos questões raciais e étnicas. Com isso, crianças e jovens, principalmente de escolas particulares, onde os estudantes são em sua maioria brancos, crescem e se formam sem nenhum contato com as raças e etnias diferentes.

As escolas ou ações afirmativas, fomentam com que o número de pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas, aumentaram consideravelmente. Isso mostra que, a própria população negra e indígena, ainda rejeita sua cultura, mesmo em benefício próprio.

Tendo em vista que o racismo no Brasil, é um problema educacional e cultural, e que, as escolas ainda não abordam sobre o assunto em sala de aula, se for necessário que o Conselho Federal, através do MEC, torne obrigatório o debate sobre os questões raciais e étnicas nos escolas, para que reserwamos haja quadros de racismo no nosso país.

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

¹³ Nesta seção, as redações estão na ordem em que foram analisadas, ou seja, da primeira, R1, à última, R12.

Em nossa cultura poderíamos enumerar muitos casos de racismo
 racistas, onde podemos observar que isso está presente em nossa
 realidade, dessa maneira podemos citar um fato importante que ocorreu no
 meio futebolístico, que em uma determinado época o time do fluminense,
 5 mandava que seus jogadores negros se pintasse de pó de arroz. O racismo
 tem proporcionado grandes episódios no meio futebolístico, até que
 ponto a falta de educação pode chegar.

O racismo no futebol se tornou um problema, com quando
 começa a partir do próprio clube, onde isso se torna de proporção
 10 maior e começa a ser praticado pela torcida, que o goléis do
 Santos, foi chamado de "macaca", durante um partida de futebol,
 quando percebemos que é no passado onde podemos levantar várias
 conclusões sobre como o brasileiro lida com a questão racial.

O problema do racismo vem primeiro de falta de educação
 15 de quem comete os atos, e que impede desse problema ser
 resolvido muitos dos negros é a falta de informação de quem
 pratica.

Bem, como em muitos outros problemas a questão
 do racismo poderia ser resolvido começando na educação
 20 dada em sala de aula, ou até mesmo em casa, que muitos
 dos negros como pessoa já cresce com isso na mente,
 onde o investimento na educação dos escolas teria
 uma parcela de grande parte nisso.

25

30

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

O racismo no Brasil tem raízes muito profundas, em suma há muito e mesmo é praticado contra os negros, visto que o país foi um dos últimos a abolir a escravidão. As políticas de inserção da população negra na sociedade atualmente são muito pobres a desigualdade no país afeta principalmente

5 os negros sendo consequência do racismo que ainda se encontra no país.

A população brasileira se diz viver em uma "democracia racial", mas o mesmo não é visto pela elite branca do país. Com a abolição da escravidão no século XIX, os negros foram libertos dos senhores, mas fora de lá não tiveram nenhum tipo de apoio do governo, nem condições de se inserirem na sociedade. Com isso muitos deles optaram por

10 continuar trabalhando para os senhores dos engenhos em troca de moradia e alimentação. Isso fez com que a sociedade encarasse a população negra como sendo inferiores a eles.

A abolição da escravidão ainda é recente em nosso país e mesmo assim boa parte dos brasileiros não se consideram racistas. O racismo ainda se faz presente em várias situações, nas oportunidades de emprego, no acesso à educação entre outros fatores que uma parte da população se nega a enxergar. A desigualdade afeta os negros por

20 que não se tem tantas oportunidades para que eles não sejam vítimas por essa problemática. Essa realidade só é vista pelos negros que sofrem com as consequências disso.

Tendo em vista que o racismo até os dias atuais continua afetando em maior ou menor grau os negros, é cabível ao governo aumentar o número de empregos públicos a fim de promover o respeito

25 os diferentes negros. É cabível também que o governo diminua todos os impostos para empresas que possuam mais negros em cargos de gerência, a fim de incentivar o aumento de negros neste setor.

30

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

5 O racismo no Brasil ainda é fase de muitas politicias, pois apesar disso não foi considerado crime, ainda existe um grande número de pessoas que se pratica. Problema que vem desde década de 1960 quando as pessoas com pele

10 Na escravidão era constante comum encontrar proprietários de terras que possuíam seus próprios escravos, que muitas vezes cuidavam de suas terras e ajudavam nas tarefas domésticas, as mulheres escravas eram quase sempre alvejadas por seus senhores. Logo após veio a época da abolição, onde todos os escravos que possuíam sua conta era considerado livre, um requerido foi

15 Após a liberdade dos escravos muitos desses ainda encontraram e encontram muitas dificuldades, apesar da liberdade a sua grande maioria ~~em~~ ainda estão em busca a igualdade social, lutando em busca a quantidade de negros em altos cargos no mercado de trabalho, que são poucos, não chega nem a 30% dos cargos.

25 Uma solução plausível para esse problema é a realização de políticas impulsionadas pelo governo a favor da igualdade e inclusão social dos negros, política que deve atingir todos os tipos de públicos alcançando a mensagem de que todos somos iguais apesar de nossa cor, raça ou de classe social.

30

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

A questão racial no Brasil é algo que participa da sociedade desde suas origens, onde os brancos ordenavam e salvia, aos negros decaerem, sendo também negociados como mercadoria. Atualmente, mesmo com leis já sancionadas, o tom da pele ainda causa discriminação.

No Brasil, a participação dos negros em cargos mais elevados era impossível de acontecer. Mas, depois de muito tempo da libertação da escravidão, é possível que uma pessoa negra, ingresse na universidade por meio de cotas, ou que se tenha uma profissão com maior salário, porém a discriminação por meio de ofensas ou preconceito permanece até os dias atuais. Quanto a cor da pele, influencia na vida e no conceito da personalidade de alguém, a discriminação permanece.

Dessa maneira, é importante que a questão de igualdade não deixe de ser discutida desde a infância nas escolas, e que haja um empoderamento das leis atuantes por meio do Poder Legislativo, como fiscalização em redes sociais e acréscimo de tempo de pena para o infrator.

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

1 " Nunca houve tantas mortes de jovens negros,
2 como nos últimos anos", diz pesquisadores após
3 observação de dados. Na última pesquisa feita pe-
4 lo IBGE, constatou-se que para cada um jovem
5 branco morto, temos quinze jovens negros mortos.

Com este dado, podemos perceber que o racismo
não é apenas uma questão de preconceito. Mas
também os problemas que esse preconceito pode cau-
sar. Como por exemplo, não apenas a exclusão,
10 mas também a morte desses jovens negros.

Outro fato, mais esse não foi no Brasil. No
discurso de Donald Trump, candidato a presiden-
cia dos Estados Unidos, observou-se que no local
15 não havia um negro e percebeu que ele fazia
parte da equipe de limpeza do local.

Não podemos esquecer das cotas. Meio criado
pelo governo, para tentar se retratar, por todos os anos
que os negros sofreram com a escravidão. Apesar de
milhares de pessoas, acharem que as cotas foram implan-
20 tadas como forma de que não só os negros, como os
indígenas, não têm capacidade de entrar numa uni-
versidade.

Como forma de diminuir o racismo, proponho in-
25 vestimento em palestras e discussões sobre o assunto
mostrando a realidade do que o racismo tem cau-
sado. Em campanhas com o tema principal: "E-
ducação é prática do respeito. Os próprios pais
ensinam aos seus filhos a não desrespeitar. Um bom
outro investimento seria a indústria infantil, fabricarem
30 brinquedos, bonecas negras. Tudo isso ajudaria muito.

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

FICHA DE REDAÇÃO

Chamamos de racismo todo e qualquer tipo de manifestação preconceituosa contra um indivíduo que possui a cor ou a raça negra. O racismo é um grande problema que a sociedade brasileira enfrenta, e mesmo após tantas conquistas da população negra com relação à obtenção de direitos, os mesmos ainda sofrem esse tipo de violência (verbal ou não verbal) de diferentes formas.

Podemos dizer que esse histórico de racismo está presente em nosso meio há anos atrás, quando africanos foram trazidos para cá, no intuito de servir em os europeus (brancos), passando a serem escravos e dando início a conhecida escravidão. Passaram-se anos desde o ocorrido, a escravidão já foi abolida, mas muitas pessoas parecem manter a mesma mentalidade que se tinha tempos atrás com relação aos negros. São inúmeros os casos de exclusão social que eles sofrem, a começar da infância, em brincadeiras e até mesmo em salas de aula. No mercado de trabalho muitas deles não têm a oportunidade de emprego e quando têm, a probabilidade de já ter sofrido ou sofrer preconceito por causa da sua cor é alta.

Para que possamos evitar tal constrangimento e crimes resultantes da discriminação, é aconselhável que esse tema seja mais debatido em escolas, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, através de aulas e palestras, a fim de que haja um melhor esclarecimento na mente de crianças e adolescentes sobre todos meramos iguais e tenhamos direitos iguais, independente de cor ou raça.

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

O modelo de civilização pregado pela Europa durante a Idade Média, na vez surgiu no mundo o sentimento de superioridade dos brancos, justificando assim a escravidão e submissão africanas. Neste contexto, o racismo presente no Brasil é uma resultante da falta de políticas raciais após a escravidão após 13 de maio de 1888 e da marginalização de negros na sociedade, com isso deve haver implementação dos programas de inclusão e igualdade racial.

Após mais de 300 anos de escravidão negra, a lei Euzébio de Alencar libertou dos centros militares de escravidão, no entanto, não houve qualquer tentativa de inclusão destes na sociedade, perpetuando a imagem de que não eram cidadãos e muitos deles, ao deixar as grandes fazendas, foram obrigados a se obrigarem em cartões ou moços, formando as primeiras favelas, algo que justifica o porquê da maioria dos habitantes das periferias serem afro-descendentes.

Essa situação se perpetua ao longo das gerações, pois quem pertencem, muitas vezes ingressaram em empregos de baixa remuneração ou em crimes de criminalidade, gerando um ciclo vicioso de pobreza e um determinismo de que sempre serão pobres ou bandidos. Esta situação começou a mudar a partir de políticas compensatórias, como as cotas, porém o racismo ainda que o negro ainda não alcançou seu lugar de direito na população brasileira.

Portanto, considerando a problemática abordada, o Estado deve ampliar seus programas de inclusão, ainda muito além das cotas, com a criação de escolas locais nas periferias, para que os negros possam ter mais facilmente acesso à educação e a oportunidades de ascensão social. Além disso, o governo deve pregar o respeito entre os cidadãos, por meio de campanhas publicitárias e eventos estudantis para sensibilizar as crianças e jovens sobre os direitos de todos os humanos.

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

A relação de poder enraizada no antigo regime escravista brasileiro baseia-se principalmente na dominação tradicional de Karl Marx, ou seja, aquela fundamentada na cultura de um povo. Exerce dessa maneira o caráter cultural, sentido no preconceito racial exercido por grande parte da população, que necessita ser transformada através da educação e da sensibilização, com o intuito de erradicar o racismo no país.

Segundo o fundador da psicanálise Sigmund Freud, é no período da primeira infância que são absorvidas as características morais quando indivíduos. De modo que as observamos, digamos conseqüências, percebemos a tortura vista nesses contextos, do mesmo modo em certas ações, tais como forma de castigo ou digas que uma tarefa mal executada é serviço de negro, explicita bem esse fato. Por esse motivo devemos atentar para o que as crianças aprendem, devemos incentivar-las a serem respeitadas e tolerantes, bem como extinguir de suas falas expressões racistas.

Apenas disso existem ainda aqueles que não reconhecem as mazelas deixadas pela escravidão como por exemplo a exclusão do negro do meio educacional e ainda condenam as medidas de reintegração chamadas de cotas. Por desconhecimento não atentam que problemas como esse requerem reduções graduais, a lei Eusebio de Queiroz precedeu em alguns anos a abolição completa do regime escravista trazida pela Lei Áurea, sendo que a primeira lei apenas proibia o tráfico negreiro no atlântico.

Com base no exposto se fazem necessárias implementações de medidas de curto e longo prazo, que visem erradicar o racismo do Brasil. A secretaria de educação deve implementar aulas expositivas que sensibilizem os alunos e seus familiares das mazelas do preconceito contra qualquer raça, a fim de que práticas racistas sejam abolidas de nossa sociedade, bem como o terceiro setor incentivar o respeito e a valorização de todas as raças mostrando suas histórias, através de eventos de escala nacional, abrangendo todas as idades no intuito de tornar o país um lugar onde todos são aceitos e respeitados.

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

5 Pretos, pardos, brancos e indígenas, o Brasil é um país muito miscigenado, na qual a pluralidade de raças, culturas e etnias é constantemente presente em nossa sociedade. Apesar disso, o racismo, unificado historicamente em nossa cultura, ainda é um grande problema no

nosso cotidiano, causando, assim, o descontentamento social dos brasileiros pertencentes às raças distintas aos brancos.

10 Com o tema da van Tópicos conteúdos, temos que os problemas de questão racial, no Brasil, surgiram e se fixaram devido às questões históricas, tendo um início que, por exemplo, a escravidão africana perdurou durante 300 anos em nosso país e, após o seu término, os negros foram tratados com desprezo e colocados por serem marginalizados à sociedade, determinando, assim, uma exclusão social causada por discriminação racial, originando as favelas (focais periféricos sem nenhuma estrutura, onde seus moradores, em sua maioria, são associados a bandidos por serem negros e pobres).

15 Outra questão são os piadões. Pequenos com atitudes de piadões com o intuito de serem vistos, sendo, no entanto, usados para denunciar os problemas de uma sociedade, já que caberiam termos preparativos ao se referirem às certas ou pessoas, tendo um ^{piadão de} racismo como algo muito frequente entre os brasileiros.

20 Portanto, vemos o como se recorrente a distinção racial um mesmo dia a dia e a grande necessidade que temos um combate-la. Logo, é de suma importância educar as crianças desde seus primeiros anos de vida a interação com pessoas de todas as raças tendo, assim, a participação da família, da sua família e das organizações de publicidade inserindo um seu dia a dia, brinquedos, revistas desenhos e campanhas promovendo a diversidade racial e a troca de experiências com crianças de outras raças. Dessa modo, a inclusão social predominaria e não haveria mais a distinção de raças

30 CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

O preconceito racial aqui no Brasil
 mesmo tendo diminuído ao passar do
 tempo ele ainda é muito presente
 em nossa sociedade onde todo dia pode
 5
 nos ver esse tipo de preconceito principalmente
 nos meios sociais.

O racismo ainda é um problema
 em nossa sociedade pois o negro ainda
 10
 é visto por algumas pessoas. Um exemplo
 tem alguém andando na rua com seu celular
 na mão e vê uma pessoa de outro lado
 da rua na sua pessoa faz birra a outra
 pessoa ira continue com seu celular na mão
 15
 mas se a pessoa for negra na maioria
 das vezes a outra pessoa ira guarda o
 seu celular, isso porque o negro ainda
 é visto por algumas pessoas como ladrão, esse
 esse preconceito ocorre também no trabalho
 20
 na rua a noite no trabalho faz negro a passar
 um policial na maioria das vezes você
 seria resistido no trabalho faz birra e chama
 demissão do trabalho no trabalho.

Um relatório para acabar com esse preconcei-
 25
 to era na escola desde o começo da ensino funda-
 mental começassem a falar sobre os tipos de pre-
 juízos e explicar que praticar é errado e o
 governo também investiu em mais campanhas
 contra o racismo para conscientizar a parte
 30
 da sociedade que ainda pratica esse preconceito

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

Historia Brasil tinha escravidão as negras Trabalho muito e sem comida, eles passaram para patinho viviam la amas e maruim, desde sociedade antiga que acontece desigualdade as pessoas negras sofrem por isso preconceito forte e mesma falta de consciencia mente fechada e o conceito das brancas viu as negras inferior

5

Atualmente ainda acontece varios preconceito de pessoas negras, exemplo: o facebook um pessoa postou um video que a mulher chamou hamum de negro, ela pegou ele jogou dentro maquina tipo lavar da roupa, depois operou mudar o hamum branco, a empresa pensa que proda mas um negro sentir que tem preconceito, e racial prevaras para negro. Tambem as escolas dentro algumas chamam que macaco e preto, faltam familias e escolas conselhas e respeito para humanos igualdade, outro fato, a mulher trabalha da jornal apresentando o clima, hamum chamou que macaca ela, crime e hamum preconceito forte, faltou respeito, mas ela enfrega cidade continuar trabalho dela

10

Tem muito para nunca acredita pessimil ideologia negro, não e aqui já tem li no Brasil, mas ainda assim continua a sociedade a não respeito direitos humanos.

15

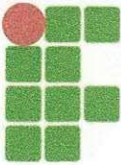
As pessoas lutar muito por nossas direito a igualdade humano que sentia para sociedade comecimute mente aberta que s'haia arada os para respeito dentro da Trabalho, faculdade, escola, industria e etc. A familia e muito importante nessa desenvolvimento de consciencia para lhe das conselha as criancas negras aprendem que crescem com coragem comecimute na educaçã com igualdade racial e respeito as diferenças racas, vai diminuir presencitas

25

30

CI. _____ CII. _____ CIII. _____ CIV. _____ CV. _____

7.2 Proposta de redação

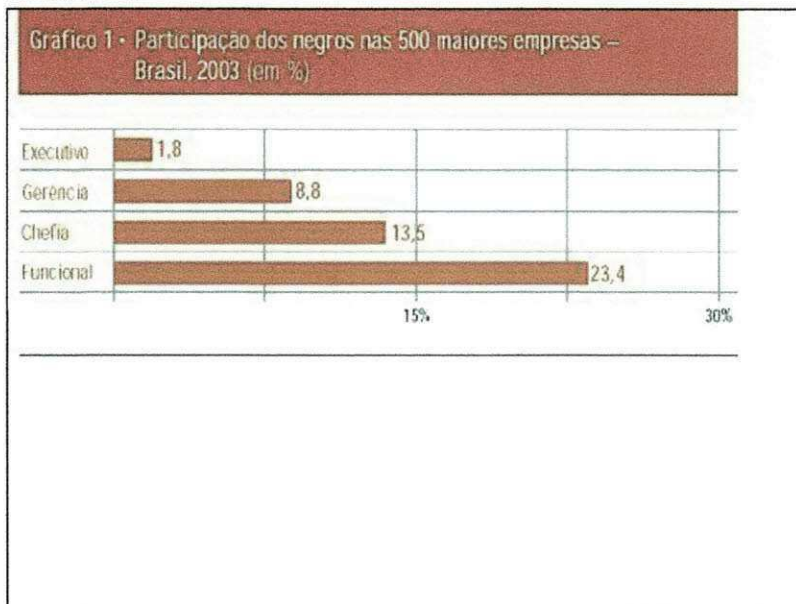
	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA.
	CAMPUS CAMPINA GRANDE.
	DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA
	CURSO: TÉCNICO INTEGRADO EM MINERAÇÃO
	PROFESSOR: DIEGO LEITE SEVERO
ALUNO: _____	TURMA: _____
DATA: ___/___/___	

2ª AVALIAÇÃO – 2º BIMESTRE – PROPOSTA DE REDAÇÃO

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 4º SIMULADO – 3º BIMESTRE

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema apresentando proposta de intervenção “Racismo no Brasil: problemas e perspectivas” que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO 1



Disponível em: <<http://travessia.blogs.sapo.pt/2006/01/14/>> Acesso em 12/09/2016

TEXTO 2

No Brasil, a história de seus conflitos e problemas envolveu bem mais do que a formação de classes sociais distintas por sua condição material. Nas origens da sociedade colonial, o nosso país ficou marcado pela questão do racismo e, especificamente, pela exclusão dos negros. Mais que uma simples herança de nosso passado, essa problemática racial toca o nosso dia a dia de diferentes formas.

Em nossa cultura poderíamos enumerar o vasto número de piadas e termos que mostram como a distinção racial é algo corrente em nosso cotidiano. Quando alguém

autodefine que sua pele é negra, muitos se sentem deslocados. Parece ter sido dito algum tipo de termo extremista. Talvez chegamos a pensar que alguém só é negro quando tem pele “muito escura”. Com certeza, esse tipo de estranhamento e pensamento não é misteriosamente inexplicável. O desconforto, na verdade, denuncia nossa indefinição mediante a ideia da diversidade racial.

É bem verdade que o conceito de raça em si é inconsistente, já que do ponto de vista científico nenhum indivíduo da mesma espécie possui características biológicas (ou psicológicas) singulares. Porém, o saber racional nem sempre controla nossos valores e práticas culturais. A fenotipia do indivíduo acaba formando uma série de distinções que surgem no movimento de experiências históricas que se configuraram ao longo dos anos. Seja no Brasil ou em qualquer sociedade, os valores da nossa cultura não reproduzem integralmente as ideias da nossa ciência.

Dessa maneira, é no passado onde podemos levantar as questões sobre como o brasileiro lida com a questão racial. A escravidão africana instituída em solo brasileiro, mesmo sendo justificada por preceitos de ordem religiosa, perpetuou uma ideia corrente onde as tarefas braçais e subalternas são de responsabilidade dos negros. O branco, europeu e civilizado, tinha como papel, no ambiente colonial, liderar e conduzir as ações a serem desenvolvidas. Em outras palavras, uns (brancos) nasceram para o mando, e outros (negros) para a obediência.

(...)

Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historia/democracia-racial.htm>> Acesso em 12/09/2016

TEXTO 3

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97)

Art. 2º (Vetado).

Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, obstar a promoção funcional. (Incluído pela Lei nº 12.288, de 2010) (Vigência)

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm> Acesso em 12/09/16.

INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até (sete) linhas escritas, sendo considerada “insuficiente”.
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.

- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada com o tema proposto.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresente parte deliberadamente desconectada do tema proposto.

7.3 Termo de anuência do IFPB *campus* Campina Grande



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE

TERMO DE ANUÊNCIA

CNPJ 10.783.898/0003-37
Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia da Paraíba
Campus Campina Grande
R. Tranquilino Coelho Lemos, 671
Dinamérica-CEP 58432-300
Campina Grande-PB

Declaramos, para os devidos fins, que estamos de acordo com a execução, nesta instituição de ensino, da pesquisa intitulada "*Análise da argumentação em dissertações argumentativas estilo ENEM à luz da retórica clássica*", desenvolvida pelo pesquisador DIEGO LEITE SEVERO, sob orientação da professora Laura Loula Régis, do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, e cujo objetivo é analisar como alunos do 3º ano do Ensino Médio argumentam em dissertações argumentativas nos moldes do ENEM.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução CNS 196/1996, atualizada pela Resolução 466/2012, e demais normas pertinentes, e à utilização dos dados e materiais coletados exclusivamente para os fins da pesquisa.

Campina Grande, 17 de março de 2017.


WANDENBERG BISMARCK COLAÇO LIMA
Diretor Geral substituto do *Campus* Campina Grande

Wandenberg Bismarck Colaço da Lima
Diretor - Geral Substituto
Mat. SIAPE - 1556350
IFPB - Campus Campina Grande